

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA COGNITIVA

MARCELLE PEREIRA DE LIMA BARBOSA DOS SANTOS

**UM ESTUDO SOBRE A SEGMENTAÇÃO NÃO-CONVENCIONAL DE
PALAVRAS EM ESCRITORES INICIANTE: COMPARANDO A
ESCRITA DE PALAVRAS, FRASES E TEXTOS POR ADULTOS E
CRIANÇAS EM PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Recife
2013

MARCELLE PEREIRA DE LIMA BARBOSA DOS SANTOS

**UM ESTUDO SOBRE A SEGMENTAÇÃO NÃO-CONVENCIONAL DE
PALAVRAS EM ESCRITORES INICIANTE: COMPARANDO A
ESCRITA DE PALAVRAS, FRASES E TEXTOS POR ADULTOS E
CRIANÇAS EM PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de pós-graduação em Psicologia Cognitiva da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia Cognitiva.

Orientadora: Prof^a Dr^a Alina Galvão Spinillo - UFPE

Co-orientadora: Prof^a Dr^a Jane Correa - UFRJ

Recife

2013

Catálogo na fonte
Bibliotecária Divonete Tenório Ferraz Gominho, CRB4 -985

S237e Santos, Marcelle Pereira de Lima Barbosa dos.
Um estudo sobre a segmentação não-convencional de palavras em escritores iniciantes: comparando a escrita de palavras, frases e textos por adultos e crianças em processo de alfabetização / Marcelle Pereira de Lima Barbosa dos Santos. – Recife: O autor, 2013.
90 f. ; 30 cm.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Alina Galvão Spinillo – UFPE.
Coorientadora: Prof.^a Dr.^a Jane Correa – UFRJ.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, 2013.
Inclui bibliografia e anexos.

1. Psicologia cognitiva. 2. Crianças – Alfabetização. 3. Jovens – Aprendizagem. 4. Adultos – Aprendizagem. 5. Comunicação escrita. I. Spinillo, Alina Galvão (Orientadora). II. Correa, Jane. (Coorientadora). III. Título.

150 CDD (22.ed.)

UFPE (CFCH2013-50)

FOLHA DE APROVAÇÃO

Marcelle Pereira de Lima Barbosa dos Santos

“Um estudo sobre a segmentação não-convencional de palavras em escritores iniciantes: comparando a escrita de palavras, frases e textos por adultos e crianças em processo de alfabetização”

Dissertação apresentada ao Programa de pós-graduação em
Psicologia Cognitiva da Universidade Federal de Pernambuco
– UFPE para a obtenção do título de Mestre.

Área de concentração: Psicologia Cognitiva.

Aprovado em: 28 de fevereiro de 2013

Banca Examinadora

Dra. Alina Galvão Spinillo

Instituição U.F.P.E.

Dr. Arthur Gomes de Moraes

Instituição U.F.P.E.

Dra. Glória Maria Monteiro de Carvalho

Instituição U.F.P.E.

DEDICATÓRIA

Dedico a conclusão deste trabalho a todos aqueles que acreditaram na minha capacidade e me deram força para continuar com palavras de amor, carinho e perseverança. Mas também dedico, em especial, a meu marido, com amor, admiração e gratidão por sua compreensão, carinho, presença e incansável apoio ao longo da elaboração deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Posso dizer que, apesar de o trabalho levar meu nome como autora principal, houve várias pessoas que fizeram parte direta ou indireta da construção desta dissertação. No entanto, desculpem-me aquelas que, por injustiça, eu esqueça, mas gostaria de citar algumas dessas pessoas.

Inicialmente, à prof^a Alina Galvão Spinillo pela orientação competente, paciente e, sobretudo, pela amizade construída paralela à produção desse trabalho.

À minha co-orientadora, prof^a Jane Correa, pela atenção, conhecimento e experiência comigo compartilhada durante o processo de definição e orientação.

Aos meus familiares, minha irmã Michelle, minha prima Claudinha, minha tia (quase mãe) Neném, por suas palavras de incentivo e amizade em todos os momentos vividos nesses dois últimos anos e, em especial, à minha mãe que, mesmo com pouco estudo, ensinou-me que estudar seria meu maior tesouro.

A todos da Escola Municipal de Tejipió, pela confiança e compreensão em mim depositadas, por conta dos meus horários de estudo, em especial a dona Maria José, minha eterna gestora, que confiou no meu trabalho e apoiou como ninguém a conclusão dessa dissertação.

Às minhas colegas do grupo de estudo: Enny, Camila e Linda por contribuírem diretamente para a conclusão dessa pesquisa, sendo minhas juízas. À Ilka, Renata e Ivo pela colaboração a mim prestada nas inúmeras dúvidas para a finalização das análises.

Aos colegas do mestrado, pelos momentos de aprendizagem compartilhados e ajuda mútua.

Aos funcionários do departamento, por resolverem as questões burocráticas ao longo desses dois anos.

À Jamesson, por ser meu eterno orientador ao ler e reler várias vezes meu estudo, com paciência, por suas contribuições como professor e, principalmente, por ter me aguentado nas horas de angústia e durante boa parte desse percurso de estudo que tenho seguido.

"Havia um homem que costumava ter em cima de sua cama uma placa escrita: ISSO TAMBÉM PASSA... então perguntaram a ele o porquê disso... ele disse que era para se lembrar de que, quando estivesse passando por momentos ruins, poder se lembrar de que eles iriam embora, e que ele teria que passar por aquilo por algum motivo. Mas essa placa também era pra lembrá-lo que quando estivesse muito feliz, que não deixasse tudo pra trás, porque esses momentos também iriam passar e momentos difíceis viriam de novo...E é exatamente disso que a vida é feita: MOMENTOS! Momentos os quais temos que passar, sendo bons ou não, pro nosso próprio aprendizado. Por algum motivo... Nunca esqueça do mais importante: NADA É POR ACASO ! Absolutamente nada. Por isso temos que nos preocupar em fazer a nossa parte da melhor forma possível."

Chico Xavier

RESUMO

Santos, M. P. L. B. dos. (2013). *Um estudo sobre a segmentação não-convencional de palavras em escritores iniciantes: comparando a escrita de palavras, frases e textos por adultos e crianças em processo de alfabetização*. 78p. Dissertação de Mestrado, Pós-graduação em Psicologia Cognitiva. Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

O processo de aquisição da linguagem escrita não está apenas atrelado ao conhecimento do sistema alfabético de escrita, mas também ao conhecimento sintático e morfológico que o escritor tem a respeito do sistema de representação da linguagem escrita, de maneira que um enunciado verbal pode ser segmentado. Grande parte dos estudos sobre a segmentação de palavras foi realizada com crianças, examinando a ocorrência de duas formas de segmentação não-convencionais: a hipossegmentação (junturas vocabulares) e a hipersegmentação (separação de segmentos das palavras). Os estudos têm sido realizados com crianças em idade regular quanto ao processo de alfabetização, pouco se sabendo a respeito de como jovens e adultos com escolaridade tardia (como é o caso de estudantes do programa de educação de jovens e adultos (EJA) segmentam. Diante disso, é importantes saber se a natureza das segmentações não-convencionais observadas na literatura com escritores iniciantes, crianças, no caso, também seria observada entre escritores iniciantes adultos ou se haveria diferenças entre adultos e crianças quanto à segmentação não-convencional de palavras. Outro aspecto a investigar em relação a esses dois grupos de indivíduos é se a segmentação das palavras seria de mesma natureza, caso a tarefa envolvesse ditado de unidades linguísticas distintas, com palavras/segmentos isoladas e em frases, e a escrita de textos. Nota-se uma lacuna no que diz respeito à investigação deste fenômeno em jovens e adultos pouco escolarizados em processo de alfabetização e na comparação entre esses escritores iniciantes e crianças também em processo de aquisição da escrita. Um estudo deste tipo permite examinar o papel da escolarização e o papel da idade neste processo. Os participantes da pesquisa foram: Grupo 1: 25 crianças de baixa renda, alunas do 2º e 3º anos do ensino fundamental de escolas públicas com idades entre 7 e 10 anos; e Grupo 2: 25 jovens e adultos de baixa renda, alunos do EJA (Educação de Jovens e Adultos) com idades entre 16 e 60 anos, também da rede pública, frequentando o 2º e 3º anos do ensino fundamental. Duas tarefas de escrita foram propostas a todos os participantes: Tarefa 1: ditado de palavras e frases; e Tarefa 2: ditado de um texto. Em ambas as situações foram examinadas a escrita de palavras que a literatura aponta como problemáticas, ou seja, palavras que são comumente hipo e hipersegmentadas pelos escritores iniciantes. Os resultados mostraram que os dois grupos realizam a segmentação não-convencional; no entanto, as crianças a fazem em maior número. Já em relação ao tipo de segmentação não-convencional mais comum diferente do que encontramos na literatura, a hipersegmentação parece ser o tipo mais comumente realizado na escrita desses dois grupos. Os casos híbridos também apareceram na escrita de crianças e não houve casos na escrita dos adultos tardiamente escolarizados, sendo sua maior incidência foi no grupo das crianças. A partir das análises podemos concluir que há, sim, diferenças significativas na aprendizagem escrita de crianças e adultos, uma vez que as crianças segmentam mais não-convencionalmente que os adultos, fato que pode ser explicado por o adulto estar há mais tempo inserido em contextos de escrita informal. Outro fato observado é que, independente de idade, os dois grupos realizaram segmentações não-convencionais em suas escritas, provando que mesmo os adultos tendo menos dificuldade para segmentar convencionalmente eles são escritores iniciantes e, por isso, também estão passando por um processo de desenvolvimento

igual às crianças.

Palavras-chave: crianças; alunos da EJA; linguagem escrita, segmentação não-convencional.

ABSTRACT

Santos, M. P. L. B. dos. (2013). *A study about not-conventional segmentation of words in beginning writers: comparing the writing of words, sentences and texts by adults and children in literacy process*. 78p. Dissertação de Mestrado, Pós-graduação em Psicologia Cognitiva. Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

The process of acquisition of the written language is not tied only to the knowledge of the alphabetical system of writing, but also to the syntactic and morphologic knowledge that the writer has about the system of representation of the written language, thus a verbal statement can be segmented. Great part of the studies on the segmentation of words was accomplished with children, having examined the occurrence of two forms of segmentation not-conventional: the hiposegmentation (joinings vocabulary) and the hyper segmentation (separation of segments of the words). The studies have been accomplished with children at regular age on the literacy process, with few informations about how young and adults with delayed education (as it is the case of students of the program of young and adult education – EJA) segment. Facing this, it is important to know if the nature of the not-conventional segmentations observed in literature with beginning writers, children, in the case, also would be observed between adult beginning writers or it would have differences between adults and children about the not-conventional segmentation of words. Another aspect to research about these two groups of individuals is if the segmentation of the words would be of same nature, in case that the task involved dictation of distinct linguistic units, with isolated words/segments and in sentences, and the writing of texts. There is a gap on the investigation of this phenomenon in semi-literate young and adults in process of literacy and on the comparison between these beginning writers and children in process of acquisition of the writing. A study of this type allows examining the part (function) of the education and the part (function) of the age in this process. The participants of the research were: Group 1: 25 children of low income, pupils of 2^o and 3^o years of the fundamental education of public schools with ages between 7 and 10 years; and Group 2: 25 young and adults of low income, pupils of the EJA (Young and Adult Education) with ages between 16 and 60 years, also of the public net, attending 2^o and 3^o years of fundamental education. Two tasks of writing were proposed to all the participants: Task 1: dictation of words and sentences; and Task 2: dictation of a text. In both situations, it was examined the writing of words that literature points as problematic, i.e., words that are usually hipo and hyper segmented by the beginning writers. The results had shown that the two groups accomplish the not-conventional segmentation; however, the children make it in bigger number. In relation to the type of not-conventional segmentation more common different of what we find in literature, the hyper segmentation seems to be the type more used in the writing of these two groups. The hybrid cases had also appeared in the writing of children and it did not have cases in the writing of the adults with delayed education, being the major incidence in the group of the children. From the analyses we can conclude that there are significant differences in the written learning of children and adults, once the children segment more not-conventionally than the adults, what can be explained by the fact that the adult has been longer inserted in contexts of informal writing. Another fact observed is that, regardless the age, the two groups had accomplished not-conventional segmentation in their writings, proving that despite the adults have less difficulty to segment conventionally, they are beginning writers and, therefore, also are passing for a process of development equal to the children.

Word-key: children; pupils of the EJA; written language, not-conventional segmentation

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - Número e porcentagem (entre parênteses) de segmentações convencionais e não-convencionais em cada grupo de participantes no ditado de expressões isoladas e no ditado de expressões em frases.....	40
TABELA 2 - Média de segmentações não-convencionais realizadas pelas crianças e pelos adultos escolarizados tardiamente na tarefa de ditado de expressões isoladas e de expressões em frases.....	41
TABELA 3 - Valores de significância relativos a comparações entre adultos e crianças na Tarefa de ditado de expressões isoladas e de expressões em frases.....	42
TABELA 4 - Número e porcentagem (entre parênteses) dos tipos de segmentações não-convencionais entre as crianças na Tarefa de ditado de expressões isoladas e de expressões em frases.....	43
TABELA 5 - Número e porcentagem (entre parênteses) dos tipos de segmentações não-convencionais entre os adultos escolarizados tardiamente na Tarefa de ditado de expressões isoladas e de expressões em frases.....	45
TABELA 6 - Tendências de tipos de segmentações não-convencionais em cada grupo de participantes no ditado de expressões isoladas e de expressões em frases.....	46
TABELA 7 - Média de segmentações não-convencionais na tarefa de ditado de texto realizada por crianças e por adultos tardiamente escolarizados.....	49
TABELA 8 - Número e porcentagem (entre parênteses) de hipersegmentação e hipossegmentações no Grupo 1 (Crianças) e no Grupo 2 (Adultos tardiamente escolarizados) na Tarefa 3 (ditado de texto).....	50
TABELA 9 - Tendências de tipos de segmentações não-convencionais em cada grupo de participantes no ditado de texto.....	51
TABELA 10 - Número de hibridismos em cada tarefa (ditado de expressões e ditado de texto) nos dois grupos de participantes.....	58

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	15
2. CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS	17
2.1 A linguagem escrita e a escrita da linguagem.....	17
2.2 A consciência morfossintática no processo de segmentação da escrita.....	19
2.3 A importância da segmentação na aquisição da escrita.....	20
3. PESQUISAS NA ÁREA	22
3.1. Pesquisas com crianças.....	23
3.1.1 Segmentação não-convencional e outras habilidades linguísticas.....	23
3.1.2. Pesquisas no contexto escolar e realizadas a partir de banco de dados.....	24
3.1.3. Segmentação não-convencional em diferentes línguas.....	25
3.1.4. Segmentação não-convencional em crianças com dificuldades especiais.....	27
3.2 Pesquisas com jovens e adultos.....	28
4. EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)	31
4.1 Pesquisas com Jovens e Adultos da EJA no Brasil.....	32
5. MÉTODO	34
5.1 Objetivos do estudo.....	34
5.2 Participantes.....	35
5.3 Planejamento Experimental, Procedimento e Material.....	35
6 ANÁLISE DOS RESULTADOS	37
6.1. Tarefa de ditado de palavras e expressões isoladas e em frases.....	37
6.1.1. Alguns exemplos de segmentações não-convencionais no ditado de expressões isoladas e em frase.....	38
6.1.2. Segmentações convencionais e não- convencionais no ditado de expressões isoladas e em frases.....	39
6.1.3. As segmentações não-convencionais no ditado de expressões isoladas e em frase.....	40
6.2. Tarefa de ditado de texto.....	47
6.2.1. Alguns exemplos de segmentações não-convencionais no ditado de texto.....	47
6.2.2. As segmentações não-convencionais no ditado de texto.....	48

6.3. Uma análise das segmentações não-convencionais híbridas.....	51
6.3.1. Os hibridismos no ditado de expressões isoladas e de expressões em frases.....	51
6.3.2. Os hibridismos no ditado de texto.....	55
6.3.3. Comparando os hibridismos no ditado de expressões e no ditado de textos.....	57
7. DISCUSSÃO E CONCLUSÕES.....	61
7.1. As principais conclusões derivadas dos dados obtidos na tarefa de ditado de expressões.....	62
7.2. As principais conclusões derivadas dos dados obtidos na tarefa de ditado de textos.....	64
7.3. Pesquisas futuras.....	65
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	68
ANEXOS.....	71

1. INTRODUÇÃO

Algumas questões percebidas no contexto da experiência profissional e da busca por literatura que abordasse a linguagem escrita como uma atividade complexa que envolve processos de natureza verbal e não-verbal motivou a realização deste estudo.

O ato de escrever, como bem resume Teberosky (2000, p. 22) “é atividade intelectual que se realiza por meio de um artefato gráfico manual, para registrar, comunicar, controlar ou influir sobre a conduta dos outros”.

Esse ato/ parte de uma necessidade notacional que todo ser humano, independente de cultura, leva consigo desde os primeiros anos de vida. Tolchinsky (1998) nos leva a refletir acerca do porquê desse interesse que todo ser humano tem por notações de diferentes tipos sejam elas: pinturas, entalhes ou marcas. E como essa capacidade estritamente humana, ou seja, a capacidade notacional, que é a capacidade de utilizar ferramentas para deixar marcas permanentes de atos intencionais (p. 111) diz muito sobre a espécie humana.

Psicólogos, linguistas e educadores comentam que para a criança aprender a ler e escrever não basta apenas ela saber falar, mas principalmente ela deverá aprender a analisar os sons que compõem estas palavras. No entanto, nos primeiros contatos com a escrita é comum a dificuldade para se determinar os limites de uma palavra, por associar a escrita aos atos da fala que não são segmentados em unidades linguísticas iguais, tais como as que estão posta na escrita (Ferreira, 2011).

Tolchinsky (1998) salienta que até cinco anos só uma pequena porcentagem de crianças, menos de 30%, é capaz de isolar segmentos subsilábicos, consonânticos ou vocálicos. Em evidências empíricas de investigações sobre segmentação lexical, Gombert (1992) mostra que até os 6 anos de idade as crianças encontram muita dificuldade em segmentar convencionalmente frases. Já em tarefas de segmentação lexical, as crianças da mesma faixa etária, tendem a segmentar frases em unidades semânticas, geralmente substantivos concretos e verbos.

A existência de espaços em branco na escrita resulta em informação constitutiva de significado no qual escritor e leitor devem processar. As sequências de letras são isoladas em unidades de significado a partir dos espaços em branco, sendo estes um dispositivo para a segmentação lexical na escrita.

Segundo Teberosky (1994), a existência de algum tipo de segmentação na escrita é

uma das propriedades que não demora muito a ser compreendida pela criança pequena quando esta convive em um ambiente letrado. No entanto, as crianças inicialmente não fazem qualquer correspondência entre as letras que escrevem e a fala. Nesta fase a criança se utiliza frequentemente de propriedades quantitativas para decidir sobre as diferentes grafias das palavras que pretende escrever. Essa lógica da escrita infantil foi chamada por Piaget (1967) de realismo nominal (Carragher & Rego, 1981 apud Correa, 2010).

Os erros de segmentação não-convencional, oriundos de hipóteses elaboradas pelos aprendizes em seu processo inicial de aquisição da escrita, são construtivos especialmente no que diz respeito à noção de palavra. Em Correa e Dokrell (2007) fica evidente que, com o aumento da escolaridade, há um avanço na capacidade de segmentar convencionalmente. Ou seja, o êxito na tarefa de segmentação aumenta justamente com a idade que as crianças aprendem a ler na escola.

Sendo assim, uma vez que a segmentação de palavras não pode ser decidida pela criança com base na correspondência grafo-fônica, não é de se estranhar a ocorrência de segmentações não-convencionais nos escritos das crianças que estão iniciando o aprendizado da língua escrita.

As práticas de letramento às quais as crianças estão expostas cotidianamente, podem se configurar em outro fator também determinante para a ocorrência de segmentações não-convencionais, uma vez que ao entrar na escola a criança está construindo suas hipóteses a respeito da escrita. No entanto quando é levada a testar essas hipóteses se vê na dúvida sobre o lugar em que esses espaços em branco devem ser inseridos e para a resolução dessa tarefa complexa é necessária a compreensão do que é palavra, compreensão esta que é fortemente marcada pela instrução escolar.

Na literatura, como afirmam diversos autores acerca da escrita infantil (e.g., Abaurre, 1991; Capristano, 2007; Correa, 2010; Correa & Dockrell, 2007; Cunha, 2010; Ferreiro & Pontecorvo, 1996; Nicolaiewsky & Correa, 2009), as segmentações não-convencionais assumem a forma de hipossegmentações (junturas vocabulares como, por exemplo, *comprumbolo*) ou de hipersegmentações (separações vocabulares além daquelas convencionadas ortograficamente como por exemplo, *a gora*).

As evidências empíricas existentes até então nos permitem afirmar a ocorrência de segmentações não-convencionais durante o processo de aprendizado da língua escrita e a descrição de alguns contextos de sua ocorrência (Ferreiro & Pontecorvo, 1996). Entretanto,

muitas questões acerca da natureza das ocorrências de segmentação não-convencional ainda se encontram sem respostas. Por exemplo, observa-se que as segmentações não-convencionais, na grande maioria das vezes, são investigadas a partir da produção espontânea de textos escritos por crianças, sem se investigar outras unidades linguísticas como palavras/expressões isoladas ou inseridas em frases. Outro comentário importante é que a produção espontânea de textos não permite investigar a presença de determinadas ocorrências de hipo e hipersegmentações, o que só ocorreria se o texto a ser escrito fosse um ditado de um texto em que tais ocorrências estivessem potencialmente presentes. Um outro aspecto a ressaltar é que na literatura sobre segmentações não convencionais apenas escritores iniciantes com escolaridade regular são investigados, não se tendo pesquisas que estudem este fenômeno em escritores iniciantes com escolaridade tardia ou atípica como ocorre, por exemplo, com jovens e adultos estudantes de programas de alfabetização. Comparar adultos e crianças em processo de alfabetização, ou seja, leitores iniciantes em diferentes faixas etárias, assim como comparar adultos na mesma faixa etária, porém com níveis de escolaridade distintos permite examinar, de maneira mais clara, o papel desempenhado pela idade e pela escolaridade na aquisição da escrita. O presente estudo examinará grupos de participantes com estes perfis.

Assim, esta pesquisa tem por objetivo examinar segmentações não-convencionais na escrita de adultos e crianças que são escritores iniciantes. De forma mais específica, tais segmentações serão investigadas em situações em que diferentes unidades linguísticas são produzidas: ditado de palavras/expressões isoladas, ditado de frase e ditado de textos. Nessas três situações de ditado, os mesmos tipos de hipo e hipersegmentações serão provocados, aspecto este, pelo que se sabe inovador na literatura.

2. CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

2.1 A linguagem escrita e a escrita da linguagem

Spinillo, Correa e Leitão (2001), no capítulo introdutório do livro por elas organizado, iniciam o texto situando-nos sobre duas principais perspectivas da escrita, conforme proposto por Pontecorvo (1997, p. xv). A primeira perspectiva foi denominada de sistema de escrita ou escrita da linguagem, e a segunda perspectiva denominada linguagem escrita. O presente estudo versa sobre a primeira perspectiva que se refere a “diferentes sistemas de escrita, sua

natureza, os aspectos notacionais, o desenvolvimento na aquisição de um dado sistema, as relações entre linguagem oral e escrita” (Spinillo, Correa & Leitão; 2001, p. viii).

A criança precisa encontrar regularidades que a habilitem a usar o sistema de escrita de forma que o que for escrito possa ser entendido e lido por outra pessoa. A busca dessas regularidades envolve, ainda que de modo elementar, um processo de reflexão sobre a representação da escrita. Este tipo de reflexão leva a criança a entender que a escrita tem um caráter representacional em que as marcas gráficas representam os sons que emitimos ao falar. Estas marcas gráficas, por sua vez, fazem parte de um sistema (de natureza alfabética, no caso do português) que é formalmente apresentado à criança durante o processo de alfabetização. A alfabetização, por sua vez, envolve ainda, o aperfeiçoamento da escrita ortográfica (Correa apud Carraher, 2010; Morais, 2012). Nota-se, portanto, que a aprendizagem da escrita é algo complexo.

A aprendizagem da língua escrita, do ponto de vista cognitivo, ao mesmo tempo em que se configura num novo objeto de conhecimento, também se apresenta como uma nova ferramenta de futuras aprendizagens. Ao longo deste processo há um intenso trabalho de formulação e reformulação de hipóteses, até que seja adquirida uma forma de escrita definida pela norma da língua (Correa, 2001).

O ato de aprender a ler e escrever representa muito mais do que se apropriar do sistema de escrita alfabética e esse domínio vai se configurar em uma nova forma de conhecimento. O domínio desse sistema acontece gradualmente e “a sua apropriação pelo aprendiz não se faz sem que este conheça as convenções próprias ao sistema” (Correa, p. 20, 2001).

As convenções passam por uma compreensão da relação som-grafia (a qual desempenha papel indispensável para a aquisição da escrita alfabética), porém, este não é um conhecimento suficiente para a escrita de acordo com a norma ortográfica (Correa, 2001; 2004; 2005; Paula, Correa & Spinillo, 2011). Para aprender a escrever é necessário desenvolver competências que permitam a reflexão sobre a estrutura das palavras, como também sua posição na frase. A estas habilidades chamamos de consciência sintática e consciência morfológica, as quais desempenham um importante papel na colocação de espaços em branco entre as palavras, pois contribuem para que a criança consiga transferir o limite que dá às palavras oralmente para a sua forma escrita. Este conhecimento acerca dos espaços em branco entre as palavras está diretamente relacionado ao fenômeno aqui

investigado: as segmentações não-convencionais.

2.2 A consciência morfossintática e o processo de segmentação da escrita

Para Gombert (1992), a capacidade de tomar a língua como objeto de reflexão e de manipulação de modo explícito e intencional é uma habilidade complexa que envolve diversas instâncias do conhecimento linguístico: conhecimento sobre o fonema, sobre o léxico, sobre a sintaxe e sobre o texto. Esta posição é compartilhada por diversos autores que consideram que a consciência metalinguística envolve diversas competências, dentre elas as que são as mais relevantes para os estudos sobre segmentação não-convencional: a consciência morfológica que diz respeito à reflexão sobre a estrutura morfológica da língua; e a consciência sintática, que é a reflexão sobre a estrutura sintática da língua.

O termo consciência morfossintática é recente na literatura, e refere-se à sensibilidade do indivíduo quanto aos aspectos morfológicos e sintáticos da língua, os quais, sendo controlados, influenciam no desempenho das crianças em relação à aquisição da língua escrita. Temos que a consciência morfológica é a habilidade que diz respeito à reflexão e manipulação intencional da estrutura morfológica da língua. O estudo da consciência morfológica está dividido em estudos sobre a sensibilidade da criança aos processos de derivação lexical (morfologia derivacional) e a estudos sobre as flexões das palavras (morfologia flexional) (Correa, 2005; Mota, 2008).

Por sua vez, a consciência sintática vem sendo investigada a partir do controle intencional e do emprego consciente da sintaxe da língua (Correa, 2009). Mais especificamente, diz respeito à reflexão e controle intencional, aos processos formais relativos à organização das palavras para produzir e compreender frases.

A partir disso, depreende-se a distinção entre consciência morfológica e a consciência sintática, havendo evidências de que a aquisição de conhecimentos morfológicos e sintáticos ocorra de maneira interdependente. Desta maneira, o termo consciência morfossintática é empregado para designar nossa capacidade de refletir e manipular intencionalmente os fatos morfológicos da língua advindos das relações presentes no enunciado (sintaxe), como também dos aspectos sintáticos da língua em suas implicações morfológicas (Correa, 2005; 2009).

Guimarães (2011) designa consciência morfossintática como a capacidade que o sujeito possui de fazer considerações, de forma consciente, sobre a derivação e a flexão das

palavras (considerações morfológicas), que envolve compreender as palavras como categorias gramaticais, considerando a posição que ocupam na frase (considerações sintáticas). Esta designação evidencia a necessidade de indicar a estreita relação existente entre consciência morfológica e consciência sintática.

A relação entre o desenvolvimento da consciência morfossintática e a escrita foi inicialmente examinada levando-se em conta a sensibilidade da criança em tarefas sobre flexões. Esses estudos mostram que a consciência morfossintática tem papel importante na aquisição da leitura e da escrita. Segundo Guimarães (2011), o desenvolvimento da consciência morfossintática e sua integração com outras habilidades linguísticas são essenciais para a construção da noção de palavra e o domínio da segmentação convencional da escrita.

Então, falar uma palavra corretamente nem sempre quer dizer que a criança domine na escrita o limite da mesma. Na realidade, a noção de palavra é o trabalho da união de diferentes habilidades linguísticas que vão além da compreensão do modo de funcionamento de um sistema de escrita alfabético em termos da relação som-grafia, requerendo habilidades morfossintáticas.

2.3 A importância da segmentação para a aquisição da escrita

Segundo Correa (2010), o escritor precisa empregar diversas habilidades linguístico-cognitivas, principalmente as relacionadas ao domínio do sistema de escrita e a coordenação entre o ato de escrever e o fluxo de ideias. Outro conhecimento importante para a escrita se refere à organização gráfica do texto, ou seja, a separação de palavras na frase por espaços em branco, como também o estabelecimento de limites entre as palavras na escrita.

De acordo com Capristano (2007, p. 2):

“a segmentação constitui um recurso ligado ao aspecto gráfico-visual do enunciado escrito que possibilita, de diferentes maneiras, a divisão do fluxo textual em porções menores – recursos como os espaços em branco entre parágrafos, unidades de escrita delimitadas por sinais de pontuação, entre outros”.

Segundo Ferreira e Pontecorvo (1996), segmentação consiste basicamente em suspender o traço (em cursiva) ou em ampliar os espaços entre as letras; ou mesmo a segmentação determina em sua concretização a realidade das palavras gráficas, sendo o

espaço em branco informativo para o leitor. A segmentação então, não corresponde apenas aos espaços em branco entre as palavras no texto, mas principalmente ao limite entre as palavras no texto, ao entendimento de que o enunciado oral, ao ser passado para a linguagem escrita, deve ter limites precisos.

Na linguagem escrita, os espaços em branco entre as palavras sugerem que a criança tem que tomar consciência de que cada palavra constitui uma unidade não só conceitual, mas também formal.

Assim, saber que o enunciado verbal pode ser segmentado em mais de uma forma e que a palavra pode ser segmentada também em sílabas ou fonemas, ou seja, saber desse tipo de segmentação, não auxilia a criança no estabelecimento dos limites das palavras no texto escrito, uma vez que a palavra não pode ser definida pela quantidade de sílabas e fonemas (Correa, 2010).

Ferreiro (2007) traz a segmentação abordada numa perspectiva que trata as relações entre linguagem oral e linguagem escrita. Traz a reflexão sobre a necessidade de se perceber que a fala é instintivamente segmentada, enquanto que a escrita é composta de um conjunto encadeado de partes-letras que aprendemos quando a usamos na prática. A definição de palavra também aparece como tema importante, uma vez que a autora aborda a dificuldade que temos em defini-la, sendo a palavra “uma unidade que se impõe à mente” (p. 4). A autora apresenta alguns exemplos de estudos que tratam das relações existentes entre a segmentação oral e escrita. Um dos exemplos aborda a segmentação em diferentes situações. Inicialmente tem-se uma pesquisa com um grupo de crianças da 2ª série (atual 3º ano) que estão completando o princípio alfabético da escrita, sendo proposta a escrita de quatro frases de domínio popular. Num primeiro momento, o examinador dizia uma frase para metade dos participantes e pedia que repetissem as frases e dissessem quantas palavras havia em cada frase. Em um segundo momento, as crianças eram solicitadas a escrever as frases e contar as palavras escritas. A outra metade dos participantes fazia o oposto. Os dados mostraram que algumas crianças percebiam o significado de algumas palavras, comentando que nem tudo o que se diz pode ser considerado uma palavra, considerando que preposições e artigos, ou seja, palavras de função relacional não eram consideradas palavras.

Outro exemplo citado na mesma obra era relativo a uma experiência sobre segmentação, inserida em um programa de alfabetização realizado nos Estados Unidos que tinha como objetivo treinar as crianças na segmentação oral antes de começar a trabalhar a

escrita. Os professores desenvolviam atividades em que três vezes ao ano as crianças eram solicitadas a contar quantas palavras havia em determinadas orações, em seguida se seriam capazes de contar quantas sílabas havia em uma palavra, para só depois dizer quantos fonemas compunham aquela palavra.

Após a explanação desses e outros exemplos de estudos, Ferreiro (2007) trata de como não há forma de progredir no trabalho com a escrita sem trabalhar paralelamente a oralidade. Para concluir, a autora afirma que as crianças apresentam certa dificuldade no domínio da oralidade e da escrita e que esses dois processos têm modos de segmentação diferentes. Esta dificuldade “é um problema que esconde profundas reflexões sobre as relações entre oralidade e escrita” (p. 32).

Correa (2010) e Ferreiro e Pontecorvo (1996) afirmam que nos anos iniciais do aprendizado da escrita aparecem formas não convencionais de separação de palavras. Tais segmentações assumem a forma de hipossegmentação ou de hipersegmentação e expressam o entendimento da criança acerca da linguagem escrita. Em outras palavras, são hipóteses a respeito de como se escreve. A hipossegmentação consiste em junturas vocabulares, como por exemplo: *umavez*, *parasempre*, *apartir*. A hipersegmentação consiste em separações vocabulares além daquelas convencionadas ortograficamente, como por exemplo: (a gora, lenha dor, em bora, a onde). A habilidade de segmentar de forma convencional as palavras está atrelada aos conhecimentos morfológicos das crianças, sendo observada maior facilidade em segmentar substantivos e adjetivos em comparação a pronomes, preposições e conjunções (Nicolaiewsky & Correa, 2009). No entanto, para Correa (2010) só o conhecimento morfológico ou só o sintático não contribuem para a habilidade de segmentar convencionalmente as palavras, tendo que haver uma compreensão morfossintática.

3. PESQUISAS NA ÁREA

Considerando a natureza da presente pesquisa que pretende examinar a segmentação não convencional em adultos e crianças, optou-se por agrupar os estudos apresentados em função da faixa etária investigada. Inclusive, como será visto adiante, com este agrupamento fica evidente que as pesquisas com crianças dominam a literatura na área, sendo poucas as pesquisas com adultos.

3.1. Pesquisas com crianças

As pesquisas com crianças são muitas, como mencionado. Em vista disso, optou-se por subdividir os estudos de modo a demonstrar a variedade de investigações sobre este tema com a população infantil.

3.1.1 Segmentação não-convencional e outras habilidades linguísticas

A existência de espaços em branco constituem um dispositivo para a realização da segmentação lexical na escrita, e este conhecimento muitas vezes está atrelado a outras habilidades linguísticas. Os seguintes estudos tratam a segmentação não convencional das palavras e outras habilidades linguístico-cognitivas que podem ou não melhorar o desempenho de crianças em fase inicial de escolarização no desenvolvimento da tarefa de segmentar.

Roazzi e Carvalho (1995) analisaram as relações entre segmentação de palavras em frases e habilidades linguísticas verbais e habilidade de leitura em crianças alunas de alfabetização, 1ª e 2ª séries (atuais 1º, 2º e 3º anos do ensino fundamental). Cada criança realizou um teste de QI verbal (subtestes da parte verbal do WISC), uma tarefa de leitura e uma tarefa de segmentação de palavras em frases cujas palavras estavam grafadas juntas (hipossegmentadas). Na tarefa de segmentação, as crianças foram solicitadas a escrever 16 frases subdivididas em quatro grupos: condição de decodificação (fácil e difícil) e condição de significado (fácil e difícil). As frases eram entregues em uma folha em letra cursiva e sem espaços entre as palavras, sendo pedido ao participante que segmentasse a frase corretamente, indicando onde colocariam espaços em branco entre as palavras. Os resultados mostraram que as palavras lexicais foram mais facilmente separadas por espaços em branco. Observou-se, ainda, que deve existir um nível mínimo de leitura para se ter êxito na tarefa de segmentação, como também a leitura é um fator importante de sucesso na segmentação, e que o sucesso em segmentação é um fator relevante em leitura.

Correa e Dockrell (2007) examinaram a segmentação não-convencional na escrita de 76 crianças de uma escola primária no Rio de Janeiro. O objetivo era examinar as relações entre segmentação não convencional a partir da produção escrita de um texto e outras habilidades linguísticas. Foram aplicadas tarefas de morfologia, teste de leitura, habilidade

verbal, vocabulário, memória de trabalho e produção, análise de erros ortográficos infantis, séries de letras (sequência), fonemas aceitáveis, erros ortográficos fonologicamente aceitáveis, erros ortográficos fonologicamente incorretos, erros morfológicos. O resultado foi que as hipossegmentações eram mais frequentes que as hipersegmentações nos textos produzidos, observando-se ainda, uma tendência a não separar por espaços em branco os artigos e as preposições das palavras mais próximas, sendo que a frequência de segmentações não-convencionais diminuía com o aumento da escolaridade.

O estudo realizado por Guimarães (2011) investigou as relações entre a segmentação lexical, a consciência morfossintática, a ortografia e a compreensão de leitura em alunos do 4º e 5º anos do ensino fundamental de escolas públicas de Curitiba. Para este estudo os participantes, em sala de aula, fizeram um ditado de uma fábula com 86 palavras. Foram produzidos 536 textos sendo apenas utilizados na análise 40 deles, por apresentarem no mínimo três hipossegmentações de palavras, no mínimo três hipersegmentações, e textos sem qualquer segmentação lexical não convencional. Os resultados mostraram que os participantes que apresentavam melhor desempenho na identificação oral e na segmentação escrita convencional das palavras eram também aqueles que apresentavam maior número de acertos nas tarefas de ditado (ortografia) e de compreensão de leitura.

3.1.2. Pesquisas no contexto escolar e realizadas a partir de banco de dados

A produção escrita de textos foi investigada por Capristano (2007) no contexto de sala de aula com três alunos do sexo masculino, com idades entre seis e sete anos que cursavam o 2º ano do ensino fundamental de uma escola municipal de São Paulo. Os textos escritos foram produzidos ao longo de um ano letivo. Cada criança produziu 15 textos sobre 15 diferentes temas. Houve certa dificuldade para se delimitar os espaços em branco, pois as crianças comumente usavam a letra de forma na escrita dos textos. A autora afirma que nem sempre um número menor de segmentação não-convencional está relacionado ao maior domínio das convenções ortográficas.

A ocorrência de segmentações não-convencionais na escrita também foi estudada em Cunha (2010), que teve seus dados de análise extraídos de produções textuais infantis pertencentes ao Banco de Textos de Aquisição da Escrita (FaE – UFPel). Esses textos foram obtidos a partir de oficinas de produção textual com crianças entre seis e 12 anos que

cursavam uma das quatro primeiras séries do ensino fundamental. Textos estes produzidos de forma espontânea pelos alunos. Os textos foram organizados em três categorias (hipossegmentação, hipersegmentação e híbrido) e analisados a partir de três variáveis linguísticas (tipo de palavra, estrutura silábica e tonicidade) e de duas variáveis relativas à escolarização (tipo de escola: pública ou particular, e série). O estudo investigou a relação de segmentações não-convencionais na escrita e sua relação com os constituintes prosódicos. A autora concluiu que em ambas as escolas, pública e particular, a hipossegmentação é o tipo de segmentação não-convencional mais comum, seguida da hipersegmentação, em uma proporção de menos da metade dos dados e pouquíssimos casos de segmentações híbridas. Mostra também que a escola exerce papel fundamental no processo de aquisição de escrita, uma vez que, com o aumento do grau de escolaridade, as segmentações não-convencionais diminuem de maneira significativa tanto nos textos de crianças da escola pública quanto da particular.

3.1.3. Segmentação não-convencional em diferentes línguas

Ferreiro e Pontecorvo (1996) conduziram a análise de segmentação em diferentes línguas: o espanhol, o italiano e o português. As autoras avaliaram os tipos de segmentações não-convencionais mais expressivas em cada língua, seja a hipossegmentação, a hipersegmentação, o hibridismo (com hipo e hipersegmentação) e a segmentação convencional. Esse estudo foi realizado a partir da tarefa de reescrita de um conto infantil por crianças da 1ª, 2ª e 3ª séries de diferentes classes sociais nos diferentes países envolvidos. Os textos com segmentações convencionais eram os mais frequentes em todas as línguas, sobretudo em italiano. Já os textos em português brasileiro e espanhol uruguaio situavam-se em segundo lugar referentes a segmentações convencionais, enquanto os textos mexicanos se situavam no terceiro lugar. Em relação às segmentações não-convencionais, obteve-se na amostra mexicana o maior número de hipo e hipersegmentação, enquanto que nos textos italianos, brasileiros e uruguaios era predominante a hipossegmentação. O resultado desse estudo expressa a tendência à hipossegmentação em qualquer que seja a língua.

Tolchinsky e Teberosky (1997) fizeram uma investigação em que observavam o como aprender a escrever em um determinado sistema alfabético influencia a forma como as pessoas usam a linguagem e desempenha um importante papel na capacidade de segmentar o

fluxo da fala. O estudo foi feito com participantes de nacionalidades diferentes (hebreus e espanhóis) que apresentavam diferenças em relação à notação da escrita (contorno das letras e direcionalidade da escrita). Este estudo foi feito com 59 crianças hebraicas e 56 crianças espanholas da pré-escola até a 2ª série. A tarefa consistia em que as crianças escrevessem palavras ditadas por um adulto em cada idioma, as palavras variavam em número de sílabas e familiaridade. Os resultados mostraram que a segmentação melhora de acordo com o avanço da escolaridade e que as diferenças no número e na estrutura silábica da palavra provocavam diferentes formas de segmentação. A relação entre a escrita de palavras e a segmentação de palavras, como também escrever em um determinado sistema alfabético, não causou uma grande mudança na segmentação. Assim, o desenvolvimento de segmentação de palavras e da palavra escrita em hebraico e espanhol ilustra apenas a maneira de formas de alfabetizar em línguas nativas. O reforço de certas características fonológicas e morfológicas de línguas particulares e seus usos sociais e formas de falar sobre a escrita contribuem para um avanço em direção à escrita convencional.

Pellicer (2004) investigou a escrita em crianças com educação bilíngue, crianças Maias que são alfabetizadas em espanhol. A pesquisa examinava se as crianças utilizavam ou não os princípios adquiridos no ensino de espanhol para determinar como deve ser escrito em maia, língua que não tem uma tradição escrita consolidada, visto que, as crianças falam maia no ambiente em que vivem, mas são alfabetizadas na escola em espanhol. O estudo foi feito com duas amostras, uma ao leste de Yucatán, amostra *yalcobá*, com 75 crianças e a outra amostra com 60 crianças ao sul da cidade de Yucatán, amostra *peto*. Cada grupo escrevia por aproximadamente uma hora e cada grupo era composto por dois ou três meninos e meninas e escreviam uma lista de sentenças. Outro grupo de três ou quatro crianças facilitava a comunicação durante a intervenção. Foi observado que as crianças maias sempre segmentam convencionalmente as palavras que escreviam em sua língua nativa, como também preenchem sua escrita com espaços em branco colocados de forma aleatória. As crianças maias sabiam que a linguagem escrita possuía princípios gerais e os utilizavam para produzir a escrita em espanhol e em maia. Segundo Pellicer (2004), as crianças aprenderam princípios sobre a segmentação convencional a partir de sua experiência com a escrita espanhola e usavam estes princípios em maia; porém não o faziam sem levar em conta as particularidades de sua língua materna.

3.1.4. Segmentação não-convencional em crianças com dificuldades especiais

Nicolaiewsky e Correa (2009) abordam a questão da segmentação lexical em Braille, com crianças consideradas pedagogicamente cegas. O estudo foi feito com 21 alunos cegos inscritos no primeiro, segundo e terceiro anos do ensino fundamental de uma instituição de ensino especializada em deficiência visual. Todos os participantes foram submetidos à avaliação de habilidade verbal, com os subtestes de escala verbal do WISC – III. Esses subtestes foram de: informação, compreensão, semelhança, vocabulário e aritmética. O teste de nível de leitura dos participantes foi investigado pelo teste de leitura de palavras do Teste de Desempenho Escolar (TDE). A fim de analisar o conhecimento morfológico dos participantes, foi utilizada uma tarefa de analogia morfossintática que avaliava a habilidade de refletir sobre o processo de formação de palavras e de identificar a transformação morfológica presente no primeiro par de palavras e aplicar essa mesma transformação ao segundo par. A segmentação foi analisada a partir de uma tarefa que consistia em pedir aos participantes que produzissem uma história inventada, com o intuito de observar a ocorrência de segmentações lexicais não convencionais na escrita. Após a produção escrita do texto, foi solicitado a cada participante que lesse sua produção em voz alta, leitura esta filmada. Ao final do estudo observou-se que o número de hipossegmentações era mais expressivo do que o número de hipersegmentações nos textos dos alunos cegos, o que se equipara a estudos anteriores com crianças de visão normal. Também foi observado que os alunos que apresentavam maior número de hipossegmentações em sua escrita foram aqueles que obtiveram desempenho mais baixo nas tarefas referentes à habilidade verbal, leitura, memória de trabalho e consciência morfossintática.

De modo geral esses estudos mostram que a incidência de hipossegmentações é mais predominante que as hipersegmentações e que isso é observado tanto em textos escritos por crianças com dificuldades e sem dificuldades de aprendizagem. Os dados mostram também que a presença de hipossegmentações diminui com o aumento da escolaridade. Já a hipersegmentação parece ser mais tardia comparada à hipossegmentação, e a hipersegmentação se relaciona de maneira mais específica ao aprendizado de leitura e escrita. A ocorrência de hipo e hipersegmentação no texto escrito das crianças nos anos iniciais é parte do desenvolvimento, e aparece como resultado das concepções das crianças acerca da estrutura e do funcionamento da língua.

Esses estudos sobre o desenvolvimento da segmentação na escrita infantil nos leva a refletir como esta habilidade acontece de forma gradual, que se relaciona ao desenvolvimento da habilidade verbal, da consciência morfológica e do nível de leitura dos aprendizes.

3.2 Pesquisas com jovens e adultos

Para se tratar da aquisição do processo de escrita infantil, vários estudos já se debruçaram sobre esse tema, sendo alguns estudos sobre os processos de segmentação não-convencional, como mostrado acima. Mas, quando se trata de estudos sobre a aquisição da escrita ou mesmo a segmentação na escrita de jovens e adultos, percebe-se que ainda é um campo carente em estudos.

Castelo, Freitas e Miguens (2010) investigaram a evolução da capacidade de segmentação ao longo da escolaridade básica e secundária e a influência das variáveis linguísticas (número de sílabas na palavra) sobre a segmentação. A amostra foi constituída por 140 estudantes de escolas e universidades da zona da Grande Lisboa, alunos do 5º, 7º e 10º ano do ensino fundamental e do 1º ano do ensino superior. A tarefa realizada consistia em segmentar doze palavras apresentadas auditivamente nos segmentos que as compunha, e cada um desses sons deveria ser reproduzido isoladamente. Os resultados mostraram que a capacidade de segmentação de palavras evolui ao longo da escolaridade básica e secundária. Concluiu-se que a capacidade de segmentação não está totalmente dominada após a conclusão do processo de alfabetização, pois uma capacidade de segmentação excelente parece ser alcançada por poucos alunos dos grupos estudados.

Outros estudos investigam jovens e adultos com uma trajetória escolar atípica, como é o caso de jovens e adultos que participam de programas de alfabetização como o EJA (Educação de Jovens e Adultos).

Caliatto e Martinelli (2008), ao avaliarem o processo de aquisição da escrita em jovens e adultos, observaram que nas tarefas de ditado e reescrita de palavras os participantes apresentavam alguma dificuldade em segmentar palavras. Neste contexto, trabalhar mais sistematicamente a ortografia na escola é apontado como uma das formas de minimizar a dificuldade apresentada por esses estudantes.

Em estudos sobre o processo de segmentação na escrita de alunos de EJA, feitos por Ferreira e Miranda (2009) e Ferreira (2009a; b), foi observado o aparecimento de

segmentações não convencionais no processo inicial de aquisição da escrita em jovens e adultos em fase de alfabetização que cursavam a 1ª e 2ª etapas do EJA. Os dados foram coletados do banco de textos de aquisição da escrita (FaE – UFPel), que foram obtidos a partir de oficinas de produção textual que visavam a obtenção de textos criativos e espontâneos. Foram selecionados para análise apenas os textos que apresentaram algum tipo de segmentação não-convencional, seja a hipossegmentação, a hipersegmentação ou a segmentação híbrida (hipo e hipersegmentação).

Em Ferreira (2009a), o estudo avaliou as hipo e hipersegmentações ocorridas em textos produzidos por jovens e adultos do já supracitado banco de dados. Foram analisados 98 textos. O levantamento dos dados na escrita de jovens e adultos resultou num total de 227 casos de segmentações não convencionais, com uma maior incidência de casos de hipossegmentação que na maioria das vezes eram junção de pronomes, preposições, artigos e conjunções.

A análise desses dados demonstrou que há semelhança entre as segmentações não convencionais produzidas por alunos do EJA e aquelas produzidas por crianças de anos escolares iniciais, não corroborando a ideia de que o fato de jovens e adultos estar a mais tempo em contato com situações de escrita os impediria de repetir os mesmos processos que as crianças passam em seus primeiros contatos com a escrita institucionalizada.

Ferreira (2009b) analisou as hipersegmentações apresentadas nos textos de jovens e adultos do já referido banco de dados. O levantamento dos dados resultou num total de 227 ocorrências de segmentação não convencional, dentre estas 27% correspondiam aos processos de hipersegmentação. Observou-se que a escrita dos alunos do EJA, assim como na escrita infantil, envolve, nos casos de hipersegmentação: os artigos, preposições e conjunções (esta última aparecendo em menor número). As ocorrências de hipersegmentação encontrados na produção de alunos do EJA evidenciam marcas da construção do sistema de escrita. Esses dados apresentam características similares aos encontrados em estudos feitos com crianças em séries iniciais.

Em outro estudo, Ferreira e Miranda (2009) procuraram interpretar as possíveis razões para as segmentações não convencionais identificadas, bem como verificar a existência de correspondências entre as hipóteses formuladas pelas crianças e jovens e adultos em fase de alfabetização. Dentre as 227 ocorrências de segmentação não convencional, 70% eram relativas à hipossegmentação. Isso motivou os autores a realizar um levantamento de qual tipo

de palavra estava mais envolvida nas hipossegmentações. Este levantamento mostrou que a grande maioria dos casos refere-se à junção de pronomes, preposições, artigos e conjunções com a palavra seguinte.

A análise dos casos de hipossegmentação encontradas na escrita de alunos do EJA comparadas a dados produzidos por crianças de séries iniciais revelaram semelhanças no comportamento de ambos os grupos quanto à segmentação. Mais uma vez os dados forneciam suporte à ideia de que, por mais tempo que o aluno esteja em contato com a língua, como no caso do adulto, isso não o impede de repetir os mesmos processos que as crianças em seus primeiros contatos com a escrita institucionalizada.

A pesquisa realizada por Ferreira (2011) teve por objetivo descrever e analisar os processos de segmentação não-convencional encontrados nos textos dos alunos da EJA seja a hipossegmentação, a hipersegmentação e os casos híbridos e compará-las com os dados de pesquisas da escrita infantil já estudados por autores como Abaurre (1991), Cunha (2004), Capristano (2007), entre outros. Ferreira conduziu o estudo com alunos da sala de 1ª e 2ª etapa da EJA de uma escola municipal de Pelotas, totalizando 33 participantes, com idades entre 16 e 69 anos. Para a análise dos dados foram escolhidos os alunos que: (a) apresentaram maior número de dados de segmentação não convencional; (b) apresentassem frequência nas coletas igual ou superior a 50%; (c) não apresentassem problemas neuropsicológicos; e (d) se encontrassem no estágio alfabético. Dos 33 participantes iniciais apenas oito apresentaram algum tipo de segmentação não convencional e destes oito, apenas três participantes tiveram seus dados analisados, pois foi o que apresentaram maior número de segmentação não-convencional em suas produções textuais.

Os dados obtidos com os jovens e adultos da EJA demonstraram maior incidência de hipossegmentação, seguida de hipersegmentação e em menor número foi encontrada segmentações híbridas. Em comparação com as análises já realizadas em outros estudos feitos com crianças encontraram-se os seguintes aspectos em comum: (a) uma maior ocorrência de hipossegmentação em relação à hipersegmentação e híbridos; (b) a influência de constituintes prosódicos; (c) o envolvimento predominante nos dados de hipo e hipersegmentação de artigos e preposições; e (d) a possível influência de conhecimentos prévios referentes a palavras que separadas correspondem a palavras gramaticais existentes na língua. Ferreira (2011) concluiu que era difícil determinar, precisamente, que critérios estariam por trás das escolhas de segmentação de cada aprendiz. Como outros autores, ela reitera a ideia de que por

mais que o jovem e o adulto esteja há mais tempo em contato com situações de escrita não institucionalizada, isso não o impede de repetir os mesmos erros de segmentação não-convencional cometidos por crianças em seus primeiros contatos com a escrita.

Como mostram as pesquisas acima, a segmentação não-convencional da escrita é vastamente estudada em crianças, sendo raros os estudos sobre segmentação em jovens e adultos pouco escolarizados. Esses estudos mostram a semelhança entre as segmentações não-convencionais produzidas por alunos do EJA e aquelas produzidas por crianças de séries iniciais, reforçando a ideia de que o uso da linguagem escrita exige processos que tanto crianças como jovens e adultos vão demonstrar em seus contatos iniciais com situações de escrita.

Considerando que a presente investigação, além de crianças, tratará de examinar a escrita de jovens e adultos com escolaridade tardia, como aqueles que fazem parte do programa de Educação de Jovens e Adultos (EJA). Cabe, antes de descrever o estudo propriamente dito, apresentar, ainda que de forma breve, alguns comentários sobre o EJA e sobre as pesquisas que têm caracterizado os estudos com esta população.

4. *A educação de Jovens e Adultos (EJA)*

A educação tem sido apontada como um dos principais direitos de um cidadão, e a maior conquista do século XX foi o aumento significativo do acesso à Educação básica no país. Em contrapartida, ainda há muitas crianças e adolescentes que não conseguem permanecer nas salas de aula, que não podem usufruir de seus direitos “desistindo” de suas matrículas no ensino fundamental e médio.

Neste contexto, a Educação de Jovens e Adultos – EJA - se configura em mais uma chance que esse contingente de pessoas, em raras oportunidades ainda pode usufruir.

Assegurada pela LDB nº 9394/96, art. 37 e 38, a Educação de Jovens e Adultos – EJA - é a modalidade de ensino que abrange as etapas do ensino fundamental e médio, que veio acolher jovens e adultos que não completaram a educação básica em idade apropriada.

A história do percurso da EJA está diretamente relacionada ao descaso com a Educação no Brasil, visto que Educação de Jovens e Adultos está “em segundo plano diante de outros níveis de ensino” (Camargo & Martineli, p. 198, 2006). Assim a Educação de Jovens e Adultos tratada aqui não é aquela na qual o adulto é o estudante universitário ou

aquele que se qualifica para o mercado de trabalho (Oliveira, 1999), mas sim, o adulto que, em sua idade regular, não teve oportunidade de estudar.

A consolidação da EJA no Brasil se deu com a influência das ideias do educador Paulo Freire e em forte relação com o movimento de educação popular (Ferreira, 2011).

Oliveira (1999) aponta para a diferenciação dos processos de construção do conhecimento e de aprendizagem dos adultos em relação às crianças e adolescentes, e em como a literatura em psicologia ainda explora pouco esse público.

Muitos dos estudos em EJA estão relacionados à questão mais educacional, visto que ainda é um tema pouco explorado em estudos psicolinguísticos no Brasil, tendo-se pouco conhecimento da forma como um adulto entende a língua a qual já domina e convive em seu cotidiano há muito tempo.

4.1 Pesquisas com Jovens e Adultos da EJA no Brasil

Num país em que a educação começa a passar por um processo recente de universalização, a Educação de Jovens e Adultos ainda se faz necessária para atingir toda parcela da população. Mesmo após a grande contribuição de Paulo Freire e o movimento de cultura popular para a EJA, esta ainda é vista de forma secundária pelo poder público, se comparada a outros níveis de ensino (Camargo & Martinelli, 2006).

Se adentrarmos para o campo da pesquisa acadêmica, a Educação de Jovens e Adultos aparece de maneira mais escassa, visto que a exploração dos processos de conhecimento e aprendizagem desta parcela não é investigada nem na literatura psicológica nem educacional, principalmente aqueles referentes a crianças e adolescentes (Oliveira, 1999).

O estudo de Camargo & Martinelli (2006) teve por objetivo investigar as percepções de alunos da EJA a respeito do processo de ensino-aprendizagem. Foram entrevistados 50 estudantes que frequentavam as classes de 1ª a 4ª séries do ensino fundamental, com faixa etária entre 14 e 80 anos sendo 20 pessoas do sexo masculino e 30 do sexo feminino. O principal procedimento do estudo foi a utilização de um questionário com sete questões. Os resultados demonstraram que a questão da afetividade no contexto da educação de jovens e adultos, principalmente na relação professor-aluno, foi um dos elementos que se destacou. A aquisição das habilidades de ler, escrever e calcular também foi apontada como necessidades imediatas e essenciais no processo de conhecimento e aprendizagem, como também a

expectativa desta população revela que a apropriação desse conhecimento básico lhes proporcionará melhores condições de inserção na vida social.

Neste estudo em específico, percebe-se que existe uma necessidade dos alunos da EJA dizerem quais os seus anseios e dificuldades em relação à educação. E as autoras apontam para um formato, quem sabe eficaz, de caminhos possíveis para permitir que os alunos da EJA indiquem um caminho para se iniciar o processo de mudança, no que diz respeito ao acesso e permanência de jovens e adultos na escola.

Em outro estudo sobre jovens e adultos, Freitas (2007) discorre sobre as relações entre a educação popular, a Educação de Jovens e Adultos e algumas possibilidades de contribuição da psicologia social comunitária para a prática dos educadores e como a contribuição de movimentos sociais e de educadores como Paulo Freire tiveram um importante papel para a consolidação da Educação de Jovens e Adultos como uma política pública.

No decorrer do artigo a autora trata de diversos aspectos importantes, à luz das práticas comunitárias de educação popular, e como é importante a formação e aprofundamento da capacitação dos educadores da EJA.

Em outro estudo sobre EJA, Caliatto & Martinelli (2008) abordam a avaliação escrita em jovens e adultos, procurando analisar a escrita ortográfica em atividades de ditado e reescrita de uma lenda. O estudo contou com a participação de 57 alunos do EJA de quatro escolas do interior de São Paulo, que cursavam a 3ª e 4ª série do ensino fundamental, com metade dos alunos sendo do sexo masculino e a outra metade do sexo feminino e idades entre 14 e 63 anos. O instrumento aplicado foi a Escala de Avaliação de Dificuldades de Aprendizagem na Escrita, que identifica dificuldades de aprendizagem a partir de um texto e frases com encontros consonantais, dígrafos, sílabas compostas e sílabas complexas. O erro mais frequente na tarefa de reescrita foi o emprego de consoantes e dígrafos, e o segundo erro mais frequente foi a dificuldade de segmentar corretamente as palavras.

As pesquisas apresentadas neste tópico demonstram um pouco como se configuram os estudos com jovens e adultos no Brasil. Diante deste quadro, a presente investigação busca contribuir com mais informações a respeito da escrita de jovens e adultos com escolaridade tardia, bem como contribuir com o exame de novas questões, como por exemplo, como se configuram as segmentações não convencionais quando unidades linguísticas distintas são escritas, comparando-se para isso a escrita de palavras/segmentos isolados e em frase e a escrita de textos.

5. MÉTODO

5.1. Objetivos do estudo

Considerando a pesquisa na área, observa-se que a maioria dos estudos versa sobre a segmentação de palavras realizada por crianças, examinando a ocorrência de duas formas de segmentação não-convencionais a hipossegmentação (junturas vocabulares) e a hipersegmentação (separação de segmentos das palavras). Os estudos têm sido realizados com crianças em idade regular quanto ao processo de alfabetização, a partir de tarefas como ditado de palavras e de sentenças. No entanto, como mencionado, existe um outro grupo de escritores iniciantes cuja habilidade em segmentar tem sido pouco investigada: jovens e adultos em processo de alfabetização. Diante disso, se pergunta se a natureza das segmentações não-convencionais observadas na literatura com escritores iniciantes, crianças no caso, também seria observada entre escritores iniciantes adultos. Haveria diferenças entre adultos e crianças quanto à segmentação não-convencional de palavras? Nota-se, portanto, uma lacuna no que diz respeito à investigação deste fenômeno em jovens e adultos pouco escolarizados em processo de alfabetização. Ao comparar adultos e crianças, pode-se examinar o papel da escolarização e o papel da idade neste processo. Para investigar este aspecto, crianças em processo de alfabetização serão comparadas a jovens e adultos também em processo de alfabetização.

Outra questão a ser investigada, de natureza mais específica, é a respeito das unidades escritas, perguntando-se se a segmentação das palavras seria de mesma natureza caso a tarefa envolvesse a escrita de unidades linguísticas distintas, como frases e textos. Haveria diferenças entre adultos e crianças em processo de alfabetização quanto à escrita de palavras e frases e a escrita de textos? Essa é uma questão ainda não explorada na literatura. Para investigar este aspecto, os participantes foram solicitados a escrever, um texto a partir de um ditado de uma história, palavras e frases isoladas. É possível supor que ao escrever textos haja menos segmentações não-convencionais (hiper e hipossegmentações) que ao escrever palavras/expressões isoladas ou inseridas em frases porque o texto pode fornecer pistas (de natureza gramatical e semântica) mais evidentes do que o ditado de palavras e frases; pistas essas que podem facilitar o emprego de segmentações convencionais.

5.2. *Participantes*

Os participantes foram igualmente distribuídos em dois grupos:

Grupo 1: 25 crianças de baixa renda, alunas de escolas da Rede Pública de Ensino na cidade do Recife, frequentando o 2º e 3º anos do ensino fundamental, turmas que compõem o primeiro ciclo de aprendizagem (alfabetização), com idade entre 7 e 10 anos.

Grupo 2: 25 jovens e adultos de baixa renda, alunos de escolas da Rede Pública de Ensino na cidade do Recife, frequentando o módulo III do programa de Educação de Jovens e Adultos (EJA), que corresponde ao 2º e 3º anos do ensino fundamental regular, com idade entre 16 e 60 anos.

Os dois grupos diferem de forma expressiva quanto à faixa etária, porém se encontram em fase semelhante quanto ao processo de alfabetização, sendo ambos considerados escritores iniciantes.

5.3. *Planejamento Experimental, Procedimento e Material*

Duas tarefas de ditado foram individualmente apresentadas a cada participante em uma mesma ocasião, com tempo livre para sua realização. Uma das tarefas consistia no ditado de expressões isoladas e expressões em frases (Anexo I) e a outra tarefa no ditado de um texto que era uma história (Anexo III). Metade dos participantes em cada grupo fez primeiro a tarefa do ditado de expressões isoladas e expressões em frases e, em seguida, a tarefa do ditado de texto. A outra metade realizou o oposto.

Ditado de expressões isoladas e de expressões em frases

Os participantes eram solicitados a realizar um ditado de expressões isoladas e expressões em frases (Anexo I). A instrução fornecida a cada participante era: “Vou ditar umas coisas e você vai escrever da maneira que achar melhor.” Note-se que não era especificado se o que estava sendo ditado era uma palavra, expressão ou se era uma frase completa. Isso foi feito com o objetivo de evitar que, sabendo que o que estava sendo ditado era uma palavra, o participante tendesse a escrever sem segmentar, quando o poderia fazer caso não soubesse explicitamente que unidade linguística estava sendo ditada.

Foram ditadas 12 expressões isoladas e 12 expressões em frases (Anexo I), cuja ordem

de apresentação foi aleatória, decidida por sorteio com cada participante. Note-se que as expressões isoladas e as expressões em frases apresentam o mesmo tipo de ocorrência quanto à hiper e hipossegmentação. A escolha desses tipos deveu-se ao fato de que eles são segmentações não-convencionais frequentemente documentadas na literatura na área (ver Anexo II). Lápis, borracha e papel pautado foram disponibilizados.

Ditado de um texto

Os participantes foram solicitados a realizar um ditado de uma história (Anexo III). O texto consistia em uma história que foi alterada¹ para que fossem inseridas palavras e expressões que potencialmente fossem sujeitas a serem hipo e hipersegmentadas, dado que a literatura na área, como já mencionado, aponta a existência de tais ocorrências por parte de crianças. Importante comentar que essas palavras e expressões (quer isoladas quer inseridas em frases) eram as mesmas que estavam presentes na tarefa anteriormente descrita. Lápis, borracha e papel pautado foram disponibilizados.

1 O texto apresentado foi uma tradução que teve por base o texto intitulado “The Manatee”, de autoria de Philippa Pearce, publicada na coletânea “Lion at School and Other Stories”, publicado em 1986 pela editora Puffin Books, Inglaterra.

6. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Os dados foram analisados por três juízes devidamente treinados para este tipo de análise os quais, através de discussão, analisavam cada caso de segmentação não-convencional identificado em cada tarefa.

De modo geral, em ambas as tarefas (ditado de expressões isoladas e expressões em frases, e ditado de texto) foram identificados os seguintes tipos de segmentações não-convencionais:

Tipo 1: Junção de palavras de categorias gramaticais diversas.

Tipo 2: Junção de palavras em que uma delas é um artigo (definido ou indefinido)

Tipo 3: Junção de palavras em que uma delas é uma preposição

Tipo 4: Junção de palavras em que uma delas é uma conjunção

Tipo 5: Junção de palavras em que uma delas é um pronome

Tipo 6: Junção de palavras adjetivas

Tipo 7: Separação de segmentos que possuem um significado

Tipo 8: Separação de segmentos sendo um com significado e outro sem significado aparente

Tipo 9: Separação de segmentos em que um deles se assemelha à função de artigo (definido ou indefinido), podendo o outro segmento ter ou não um significado

Tipo 10: Separação de segmentos em que um deles se assemelha à função de preposição, podendo o outro segmento ter ou não um significado

Tipo 11: Separação de segmentos em que um deles se assemelha à função de conjunção, podendo o outro segmento ter ou não um significado

Tipo 12: Separação de segmentos em que um deles se assemelha à função de pronome, podendo o outro segmento ter ou não um significado.

Note-se que do Tipo 1 ao Tipo 6 são hipossegmentações e que do Tipo 7 ao Tipo 12 são hipersegmentações. Exemplos de cada um desses tipos são apresentados no Anexo II.

A seguir os resultados relativos a cada tarefa são apresentados e discutidos.

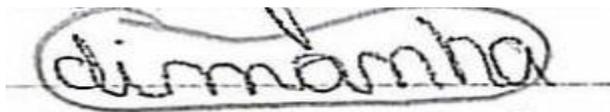
6.1. Tarefa de ditado de palavras e expressões isoladas e em frases

Importante iniciar esta seção, fornecendo alguns exemplos de segmentações não-

convencionais realizadas pelos participantes nesta tarefa de ditado de palavras e expressões isoladas e em frases. Apresentados os exemplos, compara-se, nesta tarefa, a frequência de segmentações convencionais e não-convencionais em função dos dois grupos de participantes e em função da unidade linguística ditada ser uma expressão isolada ou uma expressão inserida em uma frase. Por fim, são apresentados e discutidos os dados relativos exclusivamente às segmentações não-convencionais.

6.1.1. Alguns exemplos de segmentações não-convencionais no ditado de expressões isoladas e em frase

Exemplo 1: se trata de uma hipossegmentação feita sobre o ditado de expressão isolada “de manhã”.



Exemplo 2: se trata de uma hipersegmentação feita sobre o ditado de expressão “desconfiado” inserida em uma frase.



Exemplo 3: se trata de uma hipossegmentação feita sobre o ditado de expressão “tão assustado” inserida em uma frase.



Exemplo 4: se trata de uma hipersegmentação feita sobre o ditado da expressão isolada “dormiam”.



Exemplo 5: se trata de uma segmentação não-convencional híbrida feita sobre o ditado da expressão isolada “era uma vez”.



Exemplo 6: se trata de uma segmentação não-convencional híbrida feita sobre o ditado da expressão “de manhã” inserida em frase.



6.1.2. Segmentações convencionais e não-convencionais no ditado de expressões isoladas e em frases

A Tabela 1 apresenta a frequência de segmentações convencionais e não-convencionais em cada grupo de participantes no ditado de expressões isoladas e no ditado de expressões em frases.

Tabela 1: Número e porcentagem (entre parênteses) de segmentações convencionais e não-convencionais em cada grupo de participantes no ditado de expressões isoladas e no ditado de expressões em frases.

Crianças		
	Segmentação convencional	Segmentação não-convencional
Expressões isoladas (n=300)	197 (65,7%)	103 (34,3%)
Expressões em frases (n=300)	227 (75,7%)	73 (24,3%)
Adultos escolarizados tardiamente		
Expressões isoladas (n=300)	267 (89%)	33 (11%)
Expressões em frases (n= 300)	271 (90,3%)	29 (9,7%)

No grupo de crianças aplicou-se o Teste de Wilcoxon que indicou que tanto no ditado de expressões isoladas ($p < 0,01$) como no ditado de expressões em frases ($p < 0,01$) a frequência de segmentação convencional foi maior do que a não-convencional.

O mesmo foi observado em relação aos adultos escolarizados tardiamente quanto ao ditado de expressões isoladas ($p = 0,000$) e quanto ao ditado de expressões em frases ($p = 0,000$).

O Teste U de Mann-Whitney revelou que a segmentação convencional de expressões isoladas era mais frequente entre os adultos do que entre as crianças ($p < 0,03$).

6.1.3. As segmentações não-convencionais no ditado de expressões isoladas e em frase

A análise da escrita dos participantes permitiu identificar três tipos de segmentações não-convencionais: hipossegmentações, hipersegmentações e segmentações híbridas. Essas últimas foram raras e ocorreram apenas entre as crianças: duas segmentações não-convencionais híbridas no ditado de expressões isoladas e oito segmentações não-convencionais híbridas no ditado de expressões em frases. Nas tabelas a seguir, este tipo de

segmentação não-convencional foi computada tanto como uma hipossegmentação como uma hipersegmentação. Os casos de hibridismo serão tratados separadamente ao final desta seção relativa aos resultados.

Como pode ser visto na Tabela 2, entre as crianças, o Wilcoxon mostrou haver diferenças significativas entre hipo e hipersegmentação apenas no ditado de expressões em frases ($Z = -2,532$, $p = 0,011$). Isso ocorreu porque houve mais hiper do que hipossegmentações. O teste também mostrou que ao comparar o ditado de expressões isoladas e de expressões em frases, neste grupo, foram detectadas diferenças significativas apenas quanto às hipossegmentações ($Z = -2,690$, $p = 0,007$). Isso ocorreu porque havia mais hipossegmentações no ditado de expressões isoladas do que no ditado de expressões em frases.

Tabela 2: Média de segmentações não-convencionais realizadas pelas crianças e pelos adultos escolarizados tardiamente na tarefa de ditado de expressões isoladas e de expressões em frases.

Crianças		
	Hipossegmentação	Hipersegmentação
Expressões isoladas	31,9	32,7
Expressões em frases	31,1	31,8
Adultos Escolarizados Tardiamente		
Expressões isoladas	19,1	18,3
Expressões em frases	19,9	19,2

No grupo de adultos, o Wilcoxon revelou haver diferenças significativas entre hipossegmentação e hipersegmentação apenas no ditado de expressões em frases ($Z = -2,138$, $p = 0,033$). Isso ocorreu porque houve mais hipossegmentações do que hipersegmentações. Ao comparar expressões isoladas e expressões em frases, o teste mostrou não haver qualquer

diferença entre os dois tipos de ditado sejam em relação às hipossegmentações seja em relação às hipossegmentações.

Comparações entre crianças e adultos foram feitas a partir do teste U de Mann-Whitney. O teste revelou haver diferenças significativas entre adultos e crianças tanto para hipossegmentação como para hipersegmentação tanto no ditado de expressões isoladas como no ditado de expressões em frases. Os dados relativos à significâncias estatísticas relativas a essas comparações são apresentados na Tabela 3.

Tabela 3: Valores de significância relativos a comparações entre adultos e crianças na Tarefa de ditado de expressões isoladas e de expressões em frases.

	Hipossegmentação em expressões isoladas	Hipersegmentação em expressões isoladas	Hipossegmentação em expressões em frases	Hipersegmentação em expressões em frases
U	152,5	133,0	172,0	155,5
P	0,001	0,000	0,003	0,001

Como pode ser visto na Tabela 2 e confirmado pelos valores na Tabela 3, comparando-se crianças e adultos observa-se que as diferenças encontradas tanto na hipossegmentação como na hipersegmentação quer no ditado de expressões isoladas quer no ditado de expressões em frases foram sempre mais frequentes entre as crianças do que entre os adultos.

Foram analisados ainda os diferentes tipos de hipossegmentações e hipersegmentações, tipos identificados a partir de levantamento das pesquisas realizadas na área e que foram considerados nos itens nos ditados de expressões isoladas e de expressões em frases. A Tabela 4 (crianças) e a Tabela 5 (adultos escolarizados tardiamente) apresentam a distribuição desses tipos em cada grupo de participantes. Uma vez que a frequência em cada célula é muito baixa, não foi possível aplicar-se qualquer tratamento estatístico sobre os dados, de modo que os dados nessas tabelas são discutidos em termos apenas de tendências, discutindo-se as frequências mais altas que caracterizam o que foi observado em cada grupo de participantes.

Tabela 4: Número e porcentagem (entre parênteses) dos tipos de segmentações não-convencionais entre as crianças na Tarefa de ditado de expressões isoladas e de expressões em frases.

		Expressões isoladas	Expressões em frases
		(n= 54)	(n= 28)
Hipossegmentação	Tipo 1	8 (14,8%)	8 (28,5%)
	Tipo 2	6 (11,1%)	4 (14,3%)
	Tipo 3	11 (20,4%)	6 (21,4%)
	Tipo 4	14 (25,9%)	5 (17,9%)
	Tipo 5	10 (18,5%)	4 (14,3%)
	Tipo 6	5 (9,3%)	1 (3,6%)
		Expressões isoladas	Expressões em frases
		(n= 51)	(n= 53)
Hipersegmentação	Tipo 7	5 (9,8%)	5 (9,5%)
	Tipo 8	14 (27,5%)	15 (28,3%)
	Tipo 9	8 (15,7%)	6 (11,3%)
	Tipo 10	15 (29,4%)	21 (39,6%)
	Tipo 11	9 (17,6%)	6 (11,3%)
	Tipo 12	0	0

Nota: T1: Junção de palavras de categorias gramaticais diversas; T2: Junção de palavras em que uma delas é um artigo (definido ou indefinido); T3: Junção de palavras em que uma delas é uma preposição; T4: Junção de palavras em que uma delas é uma conjunção; T5: Junção de palavras em que uma delas é um pronome; T6: Junção de palavras adjetivas; T7: Separação de segmentos com significado; T8: Separação de segmentos sendo um com significado e outro sem significado aparente; T9: Separação de segmentos em que um deles se assemelha à função de artigo (definido ou indefinido), podendo o outro segmento ter ou não um significado; T10: Separação de segmentos em que um deles se assemelha à função de preposição, podendo o outro segmento ter ou não um significado; T11: Separação de segmentos em que um deles se assemelha à função de conjunção, podendo o outro segmento ter ou não um significado; T12: Separação de segmentos em que um deles se assemelha à função de pronome, podendo o outro segmento ter ou não um significado.

Na Tabela 4 observa-se que os tipos de hipossegmentação mais frequentes nas expressões isoladas foi o Tipo 4 (Junção de palavras em que uma delas é uma conjunção), com um percentual de 25,9%. Nas expressões em frases a hipossegmentação mais frequente foi a Tipo 1 (Junção de palavras de categorias gramaticais diversas) com um percentual de 28,5%. A hipossegmentação Tipo 6 (Junção de palavras adjetivas) foi muito rara quer no

ditado de expressões isoladas (9,3%) que no ditado de expressões em frases (3,6%). Esse dado sugere que as junções ocorrem mais em palavras de função (como artigos e conjunções) que são acopladas às palavras seguintes, sendo raras em palavras que tem um significado aparente, como é o caso de palavras adjetivas.

No que concerne às hipersegmentações, as Tipo 8 (Separação de segmentos sendo um com significado e outro sem significado aparente) e as Tipo 10 (Separação de segmentos em que um deles se assemelha à função de preposição, podendo o outro segmento ter ou não um significado) foram as mais frequentes, sendo igualmente adotadas no ditado de expressões isoladas e no ditado de expressões em frases.

De modo geral, considerando as segmentações não-convencionais como um todo no grupo de crianças observa-se que a hipossegmentação no ditado de expressões em frase foi a menos frequente (28 casos em 186: 15%).

Na Tabela 5 constam os dados relativos ao grupo de adultos com escolaridade tardia. Como se nota, no que diz respeito à hipossegmentação, a Tipo 5 (Junção de palavras em que uma delas é um pronome) foi a mais adotada quando no ditado de expressões isoladas (31,2%). Quanto ao ditado de expressões em frase, a Tipo T3 (Junção de palavras em que uma delas é uma preposição) foi a mais frequente (55,6%). Ao que parece, a hipossegmentação ocorre basicamente quando o escritor acreditava que as palavras de função eram parte de uma palavra maior, ocorrendo isso tanto no ditado de expressões isoladas como no ditado de expressões em frases.

Tabela 5: Número e porcentagem (entre parênteses) dos tipos de segmentações não-convencionais entre os adultos escolarizados tardiamente na Tarefa de ditado de expressões isoladas e de expressões em frases.

		Expressões isoladas	Expressões em frases
		(n= 16)	(n= 9)
Hipossegmentação	Tipo 1	2 (12,5%)	0
	Tipo 2	0	2 (22,2%)
	Tipo 3	4 (25%)	5 (55,6%)
	Tipo 4	4 (25%)	0
	Tipo 5	5 (31,2%)	0
	Tipo 6	1 (6,3%)	2 (22,2%)
		Expressões isoladas	Expressões em frases
		(n= 17)	(n= 20)
Hipersegmentação	Tipo 7	0	1 (5%)
	Tipo 8	3 (17,6%)	3 (15%)
	Tipo 9	2 (11,8%)	2 (10%)
	Tipo 10	12 (70,6%)	11 (55%)
	Tipo 11	0	3 (15%)
	Tipo 12	0	0

Nota: T1: Junção de palavras de categorias gramaticais diversas; T2: Junção de palavras em que uma delas é um artigo (definido ou indefinido); T3: Junção de palavras em que uma delas é uma preposição; T4: Junção de palavras em que uma delas é uma conjunção; T5: Junção de palavras em que uma delas é um pronome; T6: Junção de palavras adjetivas; T7: Separação de segmentos com significado; T8: Separação de segmentos sendo um com significado e outro sem significado aparente; T9: Separação de segmentos em que um deles se assemelha à função de artigo (definido ou indefinido), podendo o outro segmento ter ou não um significado; T10: Separação de segmentos em que um deles se assemelha à função de preposição, podendo o outro segmento ter ou não um significado; T11: Separação de segmentos em que um deles se assemelha à função de conjunção, podendo o outro segmento ter ou não um significado; T12: Separação de segmentos em que um deles se assemelha à função de pronome, podendo o outro segmento ter ou não um significado.

No que se refere às hipersegmentações, a Tipo 10 (Separação de segmentos em que um deles se assemelha à função de preposição, podendo o outro segmento ter ou não um significado) foi a mais adotada, seja no ditado de expressões isoladas (70,6%) seja no ditado de expressões em frases (55%). Importante comentar que a hipersegmentação Tipo 10 também foi muito observada entre as crianças (Tabela 4).

De modo geral, considerando as segmentações não-convencionais como um todo no grupo de adultos com escolaridade tardia, observa-se que a hipossegmentação no ditado de expressões em frases foi a menos frequente (9 casos em 62: 14,5%). Este padrão de resultados foi também observado entre as crianças.

Com o objetivo de comparar os dois grupos em termos dos aspectos que os caracterizam, elaborou-se a Tabela 6.

Tabela 6: Tendências de tipos de segmentações não-convencionais em cada grupo de participantes no ditado de expressões isoladas e de expressões em frases.

	Crianças	Adultos tardiamente escolarizados
Hipossegmentações em expressões isoladas	Tipo 4	Tipo 5
Hipossegmentações em expressões em frases	Tipo1	Tipo 3
Hipersegmentações em expressões isoladas	Tipo 8 e Tipo 10	Tipo 10
Hipersegmentações em expressões em frases	Tipo 8 e Tipo 10	Tipo 10

Nota: T1: Junção de palavras de categorias gramaticais diversas; T3: Junção de palavras em que uma delas é uma preposição; T4: Junção de palavras em que uma delas é uma conjunção; T5: Junção de palavras em que uma delas é um pronome; T8: Separação de segmentos sendo um com significado e outro sem significado aparente; T10: Separação de segmentos em que um deles se assemelha à função de preposição, podendo o outro segmento ter ou não um significado.

De acordo com a Tabela 6, a escrita de adultos e de crianças se assemelha quanto às hipersegmentações e se diferencia quanto às hipossegmentações. A semelhança decorre do fato da escrita, tanto no ditado de expressões isoladas como no ditado de expressões em frases, ser marcada pela separação de segmentos em que um deles se assemelha à função de preposição, podendo o outro segmento ter ou não um significado (Tipo 10). A diferença entre os grupos foi observada quanto ao fato das crianças fazerem muitas segmentações do Tipo 8 que diz respeito à separação de segmentos sendo um com significado e outro sem significado aparente, segmentação esta que não foi expressiva entre os adultos.

A principal diferença entre os grupos, como mencionado, reside nas

hipossegmentações. Entre as crianças, a Tipo 1 (Junção de palavras de categorias gramaticais diversas) marca a escrita no ditado de expressões em frases e a Tipo 4 (Junção de palavras em que uma delas é uma conjunção) a escrita no ditado de expressões isoladas. Os adultos, por sua vez, realizam mais a junção de palavras em que uma delas é uma preposição (Tipo 3) ou em que uma delas é um pronome (Tipo 5). Ao que parece, as crianças não estão atentas quanto às categorias gramaticais das palavras, enquanto o adulto parece estar mais atento a isso, pois faz junções apenas em palavras de função.

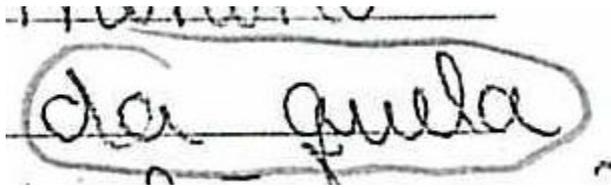
Assim, nos dois grupos a hipersegmentação foi a segmentação não-convencional mais realizada, e o Tipo 10 também foi o tipo mais recorrente entre os grupos. O elevado aparecimento desse tipo de hipersegmentação (Separação de segmentos em que um deles se assemelha à função de preposição, podendo o outro segmento ter ou não um significado) se assemelha ao que vem sendo discutido na literatura (Correa, 2010; Cunha, 2010; Ferreiro & Pontecorvo, 1996), pois é comum entre as crianças separar partes das palavras que se assemelham à função de preposição. No entanto na literatura não havia estudos que observassem essas ocorrências em adultos escritores iniciantes. Neste sentido, podemos dizer que as mesmas hipóteses de escrita formadas pelas crianças em fase de alfabetização também são consideradas pelos adultos que se encontram nesta mesma fase de escolaridade. A escolaridade, portanto, parece ser um fator importante na escrita dos dois grupos, aproximando-os, pelo menos no que concerne às hipersegmentações. No entanto, algumas diferenças existem no que diz respeito às hipossegmentações que talvez sejam explicadas por algum conhecimento extra-escolar que os adultos tenham adquirido em seus contatos informais com a linguagem escrita.

6.2. Tarefa de ditado de texto

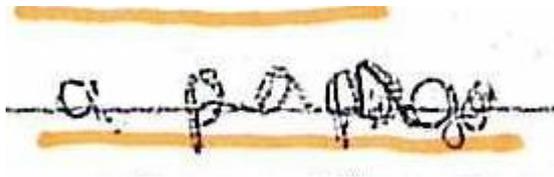
Assim como na descrição dos resultados na tarefa de ditado de expressões isoladas e de expressões em frase, parece ser igualmente necessário iniciar esta seção relativa ao ditado de texto fornecendo alguns exemplos de segmentações não-convencionais realizadas pelos participantes. Em seguida, após apresentados os exemplos, são apresentados e discutidos os dados relativos às segmentações não-convencionais.

6.2.1. Alguns exemplos de segmentações não-convencionais no ditado de texto

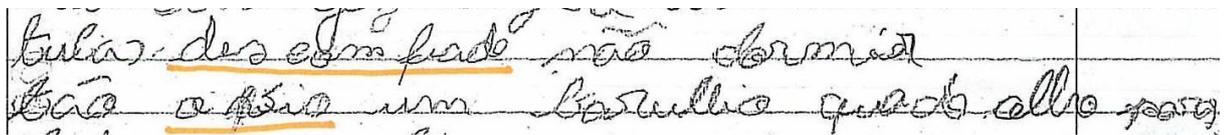
Exemplo 7: se trata de uma hipersegmentação feita sobre a palavra “daquela”.



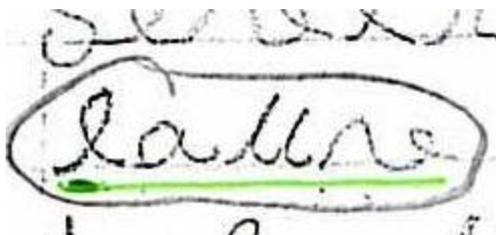
Exemplo 8: se trata de uma hipersegmentação feita sobre a palavra “apagou”.



Exemplo 9: se trata de uma hipersegmentação feita sobre a palavra “desconfiado” e sobre a palavra “ouviu”.



Exemplo 10: se trata de uma hipossegmentação feita sobre a expressão “era uma vez”.



Outros exemplos podem ser vistos no Anexo IV, em que consta um texto completo escrito por uma criança em escolaridade regular e no Anexo V em que consta um texto completo escrito por um adulto com escolaridade tardia.

6.2.2. As segmentações não-convencionais no ditado de texto

A Tabela 7 mostra a comparação entre os grupos no que diz respeito à frequência de segmentações não-convencionais no ditado de texto. Como na tarefa anterior, também foram

identificados casos de segmentações não-convencionais híbridas. Entre as crianças foram identificadas quatro segmentações não-convencionais híbridas e no grupo de adultos escolarizados tardiamente não foi identificada nenhuma segmentação híbrida. Novamente, este tipo de segmentação não-convencional foi computada tanto como uma hipossegmentação e como uma hipersegmentação. Esses casos são discutidos ao final desta seção relativa à apresentação dos resultados.

Tabela 7: Média de segmentações não-convencionais na tarefa de ditado de texto realizada por crianças e por adultos tardiamente escolarizados.

	Hipossegmentação	Hipersegmentação
Crianças	32,9	30,9
Adultos tardiamente escolarizados	18,1	20,1

De acordo com o Wilcoxon, aplicado a cada grupo de participantes, há diferenças significativas entre hipossegmentações e hipersegmentações apenas no grupo de adultos ($Z = -2,283$, $p = 0,022$), isso ocorrendo porque os adultos produziam mais hipersegmentações do que hipossegmentações na escrita do texto que lhe fora ditado. As crianças, por sua vez, tendiam a ter percentuais muito próximos de hipersegmentações e hipossegmentações (Tabela 7).

O teste U de Mann-whitney, aplicado para comparações entre grupos, mostrou que as crianças produzem mais segmentações não-convencionais do que os adultos tanto em relação às hipossegmentações ($U = 127,0$, $p = 0,000$) como em relação às hipersegmentações ($U = 178,0$, $p = 0,007$), como indicado na Tabela 7.

Os dados na Tabela 8 não foram estatisticamente tratados dado o número baixo nas células. Assim, como ocorreu na tarefa de ditado de expressões isoladas e de expressões em frases, esses dados devem ser entendidos apenas como tendências.

Tabela 8: Número e porcentagem (entre parênteses) de hipersegmentação e hipossegmentações no Grupo 1 (Crianças) e no Grupo 2 (Adultos tardiamente escolarizados) na Tarefa 3 (ditado de texto).

	Crianças (n=80)	Adultos tardiamente escolarizados (n=26)
Hipossegmentação	Tipo 1	4 (5%)
	Tipo 2	10 (12,5%)
	Tipo 3	3 (3,8%)
	Tipo 4	7 (8,7%)
	Tipo 5	5 (6,2%)
	Tipo 6	3 (3,8%)
Hipersegmentação	Tipo 7	2 (2,5%)
	Tipo 8	12 (15%)
	Tipo 9	12 (15%)
	Tipo 10	14 (17,5%)
	Tipo 11	8 (10%)
	Tipo 12	0

Nota: T1: Junção de palavras de categorias gramaticais diversas; T2: Junção de palavras em que uma delas é um artigo (definido ou indefinido); T3: Junção de palavras em que uma delas é uma preposição; T4: Junção de palavras em que uma delas é uma conjunção; T5: Junção de palavras em que uma delas é um pronome; T6: Junção de palavras adjetivas; T7: Separação de segmentos com significado; T8: Separação de segmentos sendo um com significado e outro sem significado aparente; T9: Separação de segmentos em que um deles se assemelha à função de artigo (definido ou indefinido), podendo o outro segmento ter ou não um significado; T10: Separação de segmentos em que um deles se assemelha à função de preposição, podendo o outro segmento ter ou não um significado; T11: Separação de segmentos em que um deles se assemelha à função de conjunção, podendo o outro segmento ter ou não um significado; T12: Separação de segmentos em que um deles se assemelha à função de pronome, podendo o outro segmento ter ou não um significado.

Assim, apenas em termos de tendências, pode-se notar que em ambos os grupos a segmentação não-convencional mais frequente foi a hipersegmentação Tipo 10 (Separação de segmentos em que um deles se assemelha à função de preposição, podendo o outro segmento ter ou não um significado). Este tipo de segmentação não-convencional foi mais expressivo entre os adultos (42,3%) do que entre as crianças (17,5%). Quanto às hipossegmentações, essas foram muito raras entre os adultos não sendo possível identificar uma frequência que

caracterize a escrita deste grupo quanto a esta segmentação não-convencional. Entre as crianças, entretanto, 12,5% das hipossegmentações eram Tipo 2 (junção de palavras em que uma delas é um artigo).

Como anteriormente mencionado, as crianças (80 casos em um total de 106: 75,5%) produzem mais segmentações não- convencionais do que os adultos (26 em um total de 106: 24,5%). Neste sentido, parece que os adultos, apesar de também serem escritores iniciantes e estarem em nível escolar semelhante ao nível das crianças, escrevem de forma mais convencional do que as crianças, pelo menos quando na escrita de textos completos, como é o caso desta tarefa neste estudo.

Com o objetivo de comparar os dois grupos em termos dos aspectos que os caracterizam, elaborou-se a Tabela 9.

Tabela 9: Tendências de tipos de segmentações não-convencionais em cada grupo de participantes no ditado de texto.

	Crianças	Adultos tardiamente escolarizados
Hipossegmentações	Tipo 2	----
Hipersegmentações	Tipo 10	Tipo 10

Nota: T2: Junção de palavras em que uma delas é um artigo (definido ou indefinido); T10: Separação de segmentos em que um deles se assemelha à função de preposição, podendo o outro segmento ter ou não um significado.

De acordo com a Tabela 9, as semelhanças entre adultos e crianças ocorrem exatamente sobre as hipersegmentações quanto á ocorrência de escrita hipersegmentada em que se observa a separação de segmentos em que um deles se assemelha à função de preposição, podendo o outro segmento ter ou não um significado (Tipo 10).

6.3. Uma análise das segmentações não-convencionais híbridas

Como havia sido mencionado, nesta seção trataremos dos casos de hibridismo

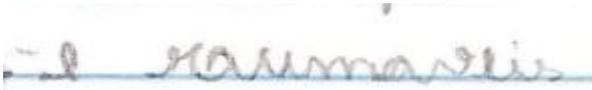
observados tanto na tarefa de ditado de expressões isoladas e expressões em frase, como na tarefa de ditado de texto.

6.3.1. Os hibridismos no ditado de expressões isoladas e de expressões em frases

Foram identificadas dez segmentações não-convencionais denominadas de segmentações híbridas, tais segmentações foram observadas apenas pelas crianças, estando tal tipo de ocorrência ausente nos ditados produzidos pelos adultos.

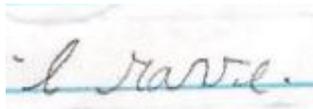
Como mencionado anteriormente segmentações não-convencionais híbridas consistem em escritas que simultaneamente envolvem hipossegmentações e hipersegmentações. Os dez casos são assim descritos, sendo os dois primeiros casos ocorridos no ditado de expressões isoladas e os oito casos seguintes no ditado de expressões em frases:

Caso 1:

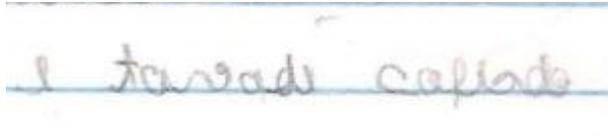


Trata-se de um caso de hibridismo da expressão “era uma vez” ditada no ditado de expressão isolada. O hibridismo se caracteriza por uma hipossegmentação do Tipo 1 (Junção de palavras de categorias gramaticais diversas) e por uma e hipersegmentação do Tipo 11 (Separação de segmentos em que um deles se assemelha à função de conjunção, podendo o outro segmento ter ou não um significado).

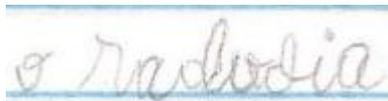
Caso 2:



Trata-se do hibridismo da expressão “era uma vez” ditada no ditado de expressão isolada. O hibridismo se caracteriza por uma hipossegmentação do Tipo 1 (Junção de palavras de categorias gramaticais diversas) e por uma hipersegmentação do Tipo 11 (Separação de segmentos em que um deles se assemelha à função de conjunção, podendo o outro segmento ter ou não um significado).

Caso 3:

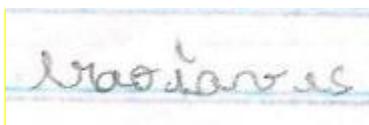
Trata-se do hibridismo da expressão “estava desconfiado” ditada no ditado de frases. O hibridismo se caracteriza por uma hipossegmentação do Tipo 4 (Junção de palavras em que uma delas é uma conjunção) e por uma hipersegmentação do Tipo 8 (Separação de segmentos sendo um com significado e outro sem significado aparente).

Caso 4:

Trata-se do hibridismo da expressão “hora do dia” ditada no ditado de frases. O hibridismo de caracteriza por uma hipossegmentação do Tipo 3 (Junção de palavras em que uma delas é uma preposição) e por uma hipersegmentação do Tipo 9 (Separação de segmentos em que um deles se assemelha à função de artigo (definido ou indefinido), podendo o outro segmento ter ou não um significado).

Caso 5:

Trata-se do hibridismo da expressão “daquela raça” ditada no ditado de frases. O hibridismo se caracteriza por uma hipossegmentação do Tipo 1 (Junção de palavras de categorias gramaticais diversas) e por uma hipersegmentação do Tipo 8 (Separação de segmentos sendo um com significado e outro sem significado aparente).

Caso 6:

Trata-se do hibridismo da expressão “era uma vez” ditada no ditado de frases. O

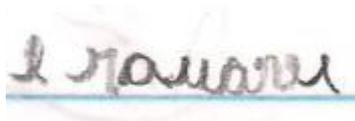
hibridismo se caracteriza por uma hipossegmentação do Tipo 1 (Junção de palavras de categorias gramaticais diversas) e por uma hipersegmentação do Tipo 8 (Separação de segmentos sendo um com significado e outro sem significado aparente).

Caso 7:



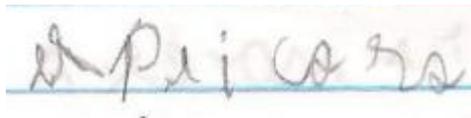
Trata-se do hibridismo da expressão “de manhã” ditada no ditado de frases. O hibridismo se caracteriza por uma hipossegmentação do Tipo 3 (Junção de palavras em que uma delas é uma preposição) e por uma hipersegmentação do Tipo 8 (Separação de segmentos sendo um com significado e outro sem significado aparente).

Caso 8:



Trata-se do hibridismo da expressão “era uma vez” ditada no ditado de frases. O hibridismo se caracteriza por uma hipossegmentação do Tipo 1 (Junção de palavras de categorias gramaticais diversas) e por uma hipersegmentação do Tipo 11 (Separação de segmentos em que um deles se assemelha à função de conjunção, podendo o outro segmento ter ou não um significado).

Caso 9:



Trata-se do hibridismo da expressão “eram perigosos” ditada no ditado de frases. O hibridismo se caracteriza por uma hipossegmentação do Tipo 1 (Junção de palavras de categorias gramaticais diversas) e por uma hipersegmentação do Tipo 8 (Separação de segmentos sendo um com significado e outro sem significado aparente).

Caso 10:



Hibridismo da expressão “que ele” ditada no ditado de frases. O hibridismo se caracteriza por uma hipossegmentação do Tipo 1 (Junção de palavras de categorias gramaticais diversas) e por uma hipersegmentação do Tipo 11 (Separação de segmentos em que um deles se assemelha à função de conjunção, podendo o outro segmento ter ou não um significado).

Segundo Cunha (2010), na escrita de texto espontâneo aparece esse tipo de segmentação não-convencional. No entanto, temos na tarefa de ditado de expressões isoladas e expressões em frases a ocorrência do hibridismo.

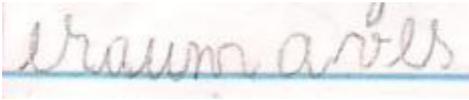
Na maioria dessas ocorrências, o Tipo 1 (Junção de palavras de categorias gramaticais diversas) foi o tipo de hipossegmentação mais recorrente. Já a hipersegmentação que mais aparece entre os casos híbridos foi a hipersegmentação do Tipo 8 (Separação de segmentos sendo um com significado e outro sem significado aparente). Outro fato observado nos casos analisados é que há mais hipossegmentações nas ocorrências híbridas do que hipersegmentações. Conclusão também feita por Cunha (2010), onde as ocorrências híbridas apresentaram “um número significativamente maior de hipossegmentações em se comparando às hipersegmentações” (p. 348). Ainda de acordo com esta autora essa hipossegmentação se dá no sentido de uma das palavras, principalmente palavras de função, terem um significado independente do restante da expressão.

Já em relação à hipersegmentação observa-se em cinco das expressões híbridas que a palavra de função “e” ela é hipersegmentada deixando o resto das expressões hipossegmentadas, mesmo esse restante não tendo nenhum sentido ortográfico, fato que corresponde as hipersegmentações das ocorrências híbridas serem em sua maioria do Tipo 8 (Separação de segmentos sendo um com significado e outro sem significado aparente).

6.3.2. Os hibridismos no ditado de texto

Foram identificadas quatro segmentações não-convencionais denominadas de segmentações híbridas, tais segmentações foram observadas no ditado de texto e foram todas produzidas pelas crianças. Os quatro casos são assim descritos:

Caso 1: Hipossegmentação do Tipo 1 e hipersegmentação do Tipo 9.



Trata-se do hibridismo da expressão “era uma vez” ditada no ditado de texto. O hibridismo se caracteriza por uma hipossegmentação do Tipo 1 (Junção de palavras de categorias gramaticais diversas) e por uma hipersegmentação do Tipo 9 (Separação de segmentos em que um deles se assemelha à função de artigo (definido ou indefinido), podendo o outro segmento ter ou não um significado).

Caso 2:



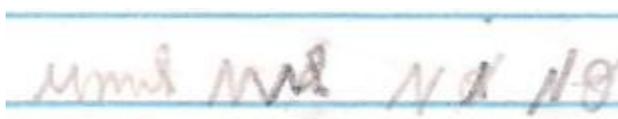
Hibridismo da expressão “ouviu um” ditada no ditado de texto. O hibridismo se caracteriza por uma hipossegmentação do Tipo 2 (Junção de palavras em que uma delas é um artigo (definido ou indefinido) e por uma hipersegmentação do Tipo 9 (Separação de segmentos em que um deles se assemelha à função de artigo (definido ou indefinido), podendo o outro segmento ter ou não um significado).

Caso 3:



Trata-se do hibridismo da expressão “era uma vez” ditada no ditado de texto. O hibridismo se caracteriza por uma hipossegmentação do Tipo 1 (Junção de palavras de categorias gramaticais diversas) e por uma hipersegmentação do Tipo 9 (Separação de segmentos em que um deles se assemelha à função de artigo (definido ou indefinido), podendo o outro segmento ter ou não um significado).

Caso 4:



Trata-se do hibridismo da expressão “o menino” ditada no ditado de texto. O

hibridismo se caracteriza por uma hipossegmentação do Tipo 2 (Junção de palavras em que uma delas é um artigo (definido ou indefinido) e por uma hipersegmentação do Tipo 8 (Separação de segmentos sendo um com significado e outro sem significado aparente).

No caso do ditado de texto foi observado que foram duas ocorrências híbridas mais apresentadas, que foram as hipossegmentações do Tipo 1 (Junção de palavras de categorias gramaticais diversas) , e a Tipo 2 (Junção de palavras em que uma delas é um artigo (definido ou indefinido) sendo a primeira ocorrência a mesma observada no ditado de expressões isoladas e expressões em frases. Já a hipersegmentação mais apresentada foi a do Tipo 9 (Separação de segmentos em que um deles se assemelha à função de artigo (definido ou indefinido), podendo o outro segmento ter ou não um significado) diferente da ocorrência observada no ditado de expressões isoladas e expressões em frases.

O caso de hibridismo entre os adultos tardiamente escolarizados é inexistente, não ocorrendo nenhuma vez neste estudo, em ambas as tarefas de ditado. Podemos concluir que as crianças são mais afeitas a este tipo de segmentação não-convencional. Talvez este seja um diferencial entre adultos e crianças, apesar da escolaridade ser a mesma nos dois grupos. Parece que a idade, mais do que a escolaridade, pode ter um papel sobre este tipo de escrita. Possivelmente, o adulto, apesar de ter o mesmo nível de escolaridade que a criança e ser considerado também um escritor iniciante, desenvolveram algum outro tipo de conhecimento sobre a linguagem escrita que diminui os casos de hibridismo.

6.3.3. Comparando os hibridismos no ditado de expressões e no ditado de textos

Ainda que de forma breve, é interessante comparar os hibridismo em cada tarefa neste estudo, como ilustra a Tabela 10.

Tabela 10: Número de hibridismos em cada tarefa (ditado de expressões e ditado de texto) nos dois grupos de participantes.

Ditado de expressões		
Tipos de hibridismos	Crianças (n= 10)	Adultos (n= 0)
T1 X T11	4	----
T4 X T8	1	----
T3 X T9	1	----
T1 X T8	3	----
T3 X T8	1	----
Ditado de texto		
Tipos de hibridismos	Crianças (n= 4)	Adultos (n= 0)
T1 X T9	2	----
T2 X T9	1	----
T2 X T8	1	----

Na Tabela 10 podemos observar uma maior frequência do hibridismo no ditado de expressões isoladas e expressões em frases, sendo o hibridismo ainda mais frequente nas expressões em frases. Os tipos de segmentação não-convencional mais comum nesta tarefa foram o Tipo 1 (Junção de palavras de categorias gramaticais diversas) referente a hipossegmentação mais ocorrida nos casos híbridos, e a hipersegmentação do tipo Tipo 11 (Separação de segmentos em que um deles se assemelha à função de conjunção, podendo o outro segmento ter ou não um significado). Esses casos de hibridismo foram observados tanto no ditado de expressões isoladas quanto de expressões em frases apresentando o mesmo número de ocorrências.

No entanto, quando analisamos os hibridismos e seus tipos de ocorrência individualmente temos o Tipo 1 (Junção de palavras de categorias gramaticais diversas) e o Tipo 8 (Separação de segmentos sendo um com significado e outro sem significado aparente) como os mais frequentes. Segundo Cunha (2010) nos casos de hipossegmentação a junção de palavras de diferentes classes gramaticais é a mais comum em crianças independente do tipo de escola, se pública ou privada, que a criança frequenta. Fato, que segundo a autora pode ser explicado porque o estudante na fase de aprendizagem da escrita inicial tem dificuldades em

reconhecer palavras com poucas letras como sendo uma palavra, e a consequência disto é a junção dessas “letras” às palavras seguinte formando hipossegmentações. Já o Tipo 8 (Separação de segmentos sendo um com significado e outro sem significado aparente) como a hipersegmentação mais frequente ainda, segundo Cunha (2010), parece ser uma tendência porque a criança na fase inicial de aquisição da escrita começa a assimilar a ideia que uma ou duas letras sejam associadas a uma palavra de conteúdo, porém as unidades que eram indevidamente unidas passam a ser separadas inadequadamente da sua estrutura original.

Quando partimos para a análise do hibridismo no ditado de texto, temos o Tipo 1 (Junção de palavras de categorias gramaticais diversas) como a hipossegmentação mais frequente e o Tipo 9 (Separação de segmentos em que um deles se assemelha à função de artigo (definido ou indefinido), podendo o outro segmento ter ou não um significado) como a hipersegmentação mais realizada pelas crianças nos casos híbridos. Pode ser observado que o Tipo 1 é a hipossegmentação mais comum no hibridismo, fato já observado na tarefa anterior. Porém na tarefa de ditado de texto o Tipo 9 aparece como a hipersegmentação mais comum, pode-se dizer então que como apresentado na literatura (Capristano (2007); Correa (2010); Cunha (2010); Ferreira e Pontecorvo (1996)) a separação de letras que se assemelham a palavras com significado (artigos, conjunção e preposições) é o tipo mais comum de hipersegmentações realizados pelas crianças. Individualmente os casos híbridos tem o Tipo 1 e o Tipo 2 (Junção de palavras em que uma delas é um artigo (definido ou indefinido) como as hipossegmentações mais frequentes, o que comprova a ideia de que a criança em fase de aprendizagem da escrita inicial tende a juntar diferentes palavras de classes gramaticais diferentes, o Tipo 9, mesmo individualmente continua a ser a ocorrência de hipersegmentação mais comum no hibridismo de ditado de texto.

Neste contexto podemos dizer que casos de ocorrência de segmentação não-convencional híbrida é mais comum entre as crianças, visto que não foi observado nenhum caso de hibridismo entre os adultos tardiamente escolarizados do EJA. A natureza dos tipos de segmentação não-convencional nas diferentes tarefas (ditado de expressões isoladas e expressões em frases e ditado de texto) são semelhantes quando tratamos das hipossegmentações, sendo o Tipo 1 (Junção de palavras de categorias gramaticais diversas) a mais frequente, mas são distintos referentes as hipersegmentações sendo o Tipo 11 (Separação de segmentos em que um deles se assemelha à função de conjunção, podendo o outro segmento ter ou não um significado) e o Tipo 9 (Separação de segmentos em que um deles se assemelha à função de artigo (definido ou indefinido), podendo o outro segmento ter ou não

um significado) o mais realizado nas diferentes tarefas. Como já mencionado anteriormente parece-nos que a idade é condição para a diminuição das segmentações não-convencionais híbridas na escrita, pois os adultos tardiamente escolarizados não realizaram nenhum tipo de segmentação desse tipo, em contrapartida as crianças realizaram todos os 14 casos aqui analisados, sejam eles nas tarefas de ditado de expressões isoladas, expressões em frases ou ditado de texto. O que nos leva a considerar que a experiência com a linguagem escrita a mais tempo dos estudantes do EJA contribui para uma escrita mais próxima da norma padrão, experiência essa ainda não vivenciada pelas crianças em fase regular de ensino. A escolaridade, apesar de ter papel essencial no processo de aprendizagem da escrita formal, não nos parece ser a condição principal para a diminuição das segmentações não-convencionais na escrita, uma vez que crianças e adultos aqui estudados são considerados escritores iniciais, o que nos leva a pensar que os adultos apresentam algum tipo diferente de conhecimento da linguagem escrita ainda não vivenciado pela criança.

7. DISCUSSÃO E CONCLUSÕES

O presente estudo versa sobre a escrita, particularmente a respeito de como escritores iniciantes segmentam as palavras. A literatura na área mostra que existem segmentações não-convencionais que estão presentes na escrita de textos por escritores iniciantes que ainda estão em processo de aprendizado da língua escrita. Essas segmentações não-convencionais são as hiper e hipossegmentações. Nos estudos na área, nota-se que as segmentações não-convencionais na grande maioria das vezes são investigadas a partir da produção espontânea de textos escritos por crianças, sem se investigar outras unidades linguísticas como palavras/expressões isoladas ou inseridas em frases. O presente estudo abordou essa questão. Outro ponto importante é que a produção espontânea de textos pode não garantir que determinadas segmentações não-convencionais apareçam, o que só ocorreria se o texto a ser escrito fosse um ditado de um texto em que tais ocorrências estivessem potencialmente presentes. Este aspecto também foi abordado neste estudo. Outro aspecto a ressaltar é que na literatura sobre segmentações não-convencionais apenas escritores iniciantes com escolaridade regular são investigados, não se tendo pesquisas que estudem este fenômeno em escritores iniciantes com escolaridade tardia ou atípica como ocorre, por exemplo com jovens e adultos estudantes de programas de alfabetização (EJA). Comparar adultos e crianças em processo de alfabetização, ou seja, leitores iniciantes em diferentes faixas etárias, assim como comparar adultos na mesma faixa etária, porém com níveis de escolaridade distintos permite examinar, de maneira mais clara, o papel desempenhado pela idade e pela escolaridade na aquisição da escrita. O presente estudo examinou indivíduos com estes perfis.

Considerando esses pontos acima mencionados, o presente estudo investigou a segmentação lexical em escritores iniciantes, porém com perfis muito distintos: crianças alunas do ensino fundamental com escolaridade regular e adulto com escolaridade tardia cuja habilidade em segmentar tem sido pouco investigada. O objetivo foi examinar se a natureza das segmentações não-convencionais observadas na literatura com escritores iniciantes, crianças no caso, também seria observada entre escritores iniciantes adultos. Haveria diferenças entre adultos e crianças quanto à segmentação não-convencional de palavras? Procurou-se, ainda, investigar se a segmentação das palavras seria de mesma natureza caso a tarefa envolvesse a escrita de unidades linguísticas distintas, como frases e textos. Haveria diferenças entre adultos e crianças em processo de alfabetização quanto à escrita de palavras e

frases e a escrita de textos? Para investigar este aspecto, os participantes foram solicitados a realizar duas tarefas: tarefa de ditado de expressões isoladas e expressões em frases, e tarefa de ditado de texto (uma história).

Em cada tarefa ocorreram diversos casos de segmentações não-convencionais: (i) hipossegmentações (junturas vocabulares como por exemplo, *comproumbolo*); (ii) hipersegmentações (separações vocabulares além daquelas convencionadas ortograficamente como por exemplo, *a gora*), e (iii) híbridas (processos de segmentação não-convencional em que ocorrem hipo e hipersegmentação em uma mesma sequência como por exemplo, *e raumavez*). De modo geral, nas duas tarefas e nos dois grupos de participantes as segmentações não-convencionais híbridas foram muito raras, o que indica que a escrita de escritores iniciantes tende, de fato, a apresentar ou hipossegmentações ou hipersegmentações de forma pura, isto é, ou um tipo de ocorrência ou outro tipo de ocorrência.

7.1. As principais conclusões derivadas dos dados obtidos na tarefa de ditado de expressões

Comparando os dois grupos de participantes observou-se que na escrita de unidade linguísticas menores como expressões isoladas e em frase, as crianças apresentavam mais segmentações não-convencionais que os adultos, ainda que ambos os grupos tivessem a mesma escolaridade e fossem escritores iniciantes. Isso ocorria especificamente em relação à hipossegmentação e hipersegmentação. De alguma forma, os adultos parecem ter alguma ideia de escrita mais sofisticada que as crianças, o que pode ter evitado que apresentassem mais segmentações não-convencionais.

Diferença entre os grupos também foi encontrada em relação aos hibridismos na tarefa de ditado de expressões isoladas e em frases, pois as crianças faziam mais hibridismos que os adultos. Isso também foi observado na tarefa de ditado de texto. Mais uma vez, parece que os adultos, apesar de terem o mesmo nível de escolaridade que as crianças e serem escritores iniciantes eram capazes de ter algum tipo de compreensão sobre a segmentação das palavras que permitia um melhor desempenho que as crianças. Temos então que os adultos mesmo estando em processo de alfabetização escrevem de forma mais convencional que as crianças, fato este sendo observado nas diferentes tarefas propostas.

Ainda na tarefa de ditado de expressões isoladas e em frases observou-se que tanto no

grupo de crianças como no grupo de adultos o padrão de resultados não foi conclusivo, não sendo possível afirmar que as ocorrências de segmentações não-convencionais sejam susceptíveis ao fato da expressão ditada estar isolada ou inserida em uma frase. Identificou-se, entretanto, que apenas entre as crianças a hipossegmentação é mais frequente quando em expressões isoladas do que em expressões dentro de frases.

Analisando-se os diferentes tipos de segmentações não-convencionais identificadas na tarefa de ditado de expressões isoladas e em frases, verificou-se que nas crianças o tipo mais frequente de hipossegmentação foi a junção de palavras de categorias gramaticais diversas, ocorrência esta ausente entre os adultos. Parece que essas, de alguma forma, tem alguma compreensão acerca da natureza das palavras, o que os leva a não realizar junções não-convencionais. De fato, a diferença entre os grupos ocorreu de maneira mais clara em relação ao uso de hipossegmentações. No entanto, em relação à hipersegmentações há semelhanças qualitativas entre os dois grupos. Esta semelhança se deu por conta de ocorrerem muitas hipersegmentações que eram a separação de segmentos quando um deles se assemelhava à função de preposição. Este é um dado documentado na literatura em pesquisas com crianças e que foi também observado aqui neste estudo com as crianças e com os adultos tardiamente escolarizados. Entre as crianças observaram-se também separações de segmentos sem significado e segmentos com significado. Parece que escritores iniciantes, tanto crianças como adultos tendem a fazer hipersegmentações, sobretudo baseados no significado das palavras, tendem a separar a parte com significado da parte sem significado (no caso palavras de função ou segmentos sem um significado).

Em relação aos casos híbridos realizou-se um número elevado dessa ocorrência nesta tarefa, sendo observado que todos os 10 casos de hibridismo aqui foram realizados pelas crianças e nenhum caso nas tarefas dos adultos. Pôde-se ver que nestes casos híbridos houve uma predominância de hipossegmentações baseadas na junção de palavras de diferentes classes gramaticais, as hipersegmentações foram, em sua, maioria a separação da parte que se assemelha a conjunção tendo a outra parte significado ou não. Como já mencionado acima, outra hipersegmentação predominante foi a separação da parte com significado da parte sem significado das palavras. Esses dados trazem novamente a questão da escrita mais convencional dos adultos, visto que não houve casos híbridos neste grupo sendo observado um melhor desempenho do que o da criança mesmo os dois estando em processo de alfabetização. Os tipos de segmentação não-convencional mais frequentes no hibridismo

também se assemelham ao que foi visto nos casos isolados de hipo e hipersegmentação, o que corresponde a literatura (Cunha, 2010; Ferreiro e Pontecorvo, 1996) no sentido de essas duas ocorrências não-convencionais partir de uma falta de conhecimento da criança do limite da palavra e tentar juntar ou separar as partes das palavras que fazem algum sentido, sendo esta junção ou separação feita de maneira inadequada.

Ainda tomando os resultados como base, o tipo de unidade linguística usada na tarefa parece favorecer as ocorrências híbridas, uma vez que houve um número maior dessas ocorrências nas expressões em frases do que na expressão isolada. É possível que as crianças apresentem certa dificuldade sobre a decisão que devem tomar no momento de colocar espaços em branco na sua grafia, sendo esta dificuldade maior na escrita de frases.

7.2.As principais conclusões derivadas dos dados obtidos na tarefa de ditado de texto

Comparando os dois grupos de participantes observou-se que na escrita de textos, as crianças apresentavam mais segmentações não-convencionais que os adultos, ainda que ambos os grupos tivessem a mesma escolaridade e fossem escritores iniciantes. Isso ocorria tanto em relação à hipossegmentação como em relação à hipersegmentação. De alguma forma, os adultos parecem ter alguma ideia de escrita mais sofisticada que as crianças, o que pode ter evitado que apresentassem mais segmentações não-convencionais.

Analisando-se os tipos de segmentações não-convencionais observados nos dois grupos de participantes, concluiu-se que os grupos não diferem quanto ao fato de frequentemente fazerem hipersegmentações que se caracterizam pela separação de segmentos em que um deles se assemelha à função de preposição, podendo o outro segmento ter ou não um significado.

Tomando os resultados de maneira geral, conclui-se que segmentar não-convencionalmente faz parte do desenvolvimento da escrita dos escritores iniciantes sejam eles crianças ou adultos tardiamente escolarizados. Mas há diferenças na forma como fazem essas segmentações não-convencionais, visto que há predominância de alguns tipos entre as crianças e predominância de outros tipos entre os adultos. Além disso, em termos apenas de frequência, as crianças fazem mais segmentações não-convencionais do que os adultos. Mais uma vez, é possível que conhecimentos que os adultos possivelmente tenham contatos

informais mais frequentes com a linguagem escrita do que as crianças com escolaridade regular cujo conhecimento da linguagem escrita pode estar mais restrito ao conhecimento formal escolar que ainda não foi suficiente para permitir uma compreensão mais apropriada acerca dos limites das palavras. Importante comentar que os alunos da EJA embora sem qualquer dúvida sejam considerados leitores iniciantes (ver suas produções como exemplo disso), muitos deles eram pessoas que em algum momento da vida já haviam estudado e estavam retornando ao ambiente escolar. É possível que este contato anterior com a linguagem escrita tenha algum tipo de repercussão sobre suas ideias de como segmentar as palavras.

Quanto ao papel desempenhado pelas unidades linguísticas, este não foi tão determinante com inicialmente pensado. Em termos de expressões isoladas ou em frases não se observou diferenças que pudessem ser atribuídas aos ditados dessas palavras. Em relação ao texto, seriam necessários outros tipos de análise que precisam explorar melhor estes aspectos, como se discute a seguir em relação às pesquisas futuras.

Os casos de hibridismo no ditado de texto foram menos frequente do que os ocorridos na tarefa de ditado de expressões isoladas e expressões em frases, e como na tarefa anterior esses casos apenas apareceram nas tarefas das crianças. O que mais uma vez comprova que os adultos apresentam uma maior habilidade de escrita do que as crianças. A unidade linguística, neste caso, parece ter diminuído o número de ocorrências híbridas o que nos leva a concluir que unidades linguísticas menores influenciam mais na realização dos híbridos. Os tipos de hipo e hipersegmentação se assemelham aos casos híbridos da Tarefa 1 quando tratamos da hipossegmentação no qual tendem a ser a junção de palavras de diferentes classes gramaticais ou quando uma das partes da palavra se assemelha a função de artigo. Já a hipersegmentação mais comum foi a que uma das partes se assemelha a função de artigo tendo a outra parte significado ou não. Desta forma há também uma distinção entre os casos híbridos nas duas tarefas, principalmente nos tipos de hipersegmentação mais realizado.

7.3. Pesquisas futuras

Diante dos aspectos inovadores tratados neste estudo e da quantidade de informações obtidas não foi possível cobrir todas as possibilidades de análises que poderiam ser feitas

sobre os dados. Primeiramente, não foi realizada uma comparação ou análise detalhada que permitisse comparar as duas tarefas entre si. Isso poderia ser possível comparando-se as 12 segmentações não-convencionais no texto ditado e no ditado de expressões, sem analisar outras segmentações não-convencionais feitas pelos escritores além daquelas previstas nas 12 ocorrências propositadamente inseridas no texto. Este é um dado que pode ser explorado em pesquisas futuras.

Outro aspecto diz respeito aos casos de hibridismo, onde temos estes realizados em somente pelas crianças, uma vez que nenhum adulto realizou uma segmentação não-convencional híbrida. Podemos dizer que o hibridismo é uma ocorrência mais específica da escrita infantil, já que teria que juntar e separar uma mesma palavra ou expressão de forma não-convencional. Como já mencionado (Cunha, 2010; Ferreiro e Pontecorvo, 1996), na literatura esses casos também são escassos e não há estudos que tratem essa ocorrência não-convencional mais especificamente. Então o que podemos pensar é na hipótese de escrita da criança, é na definição de palavra que este escritor iniciante tem, pois o hibridismo extrapola o limite que é dado à palavra por hiposegmentá-la e hipersegmentá-la. Este tema poderia ser explorado em pesquisa futura.

Outra questão a ser investigada seria tentar agrupar os seis tipos de hiposegmentações em um número menor de tipos, fazendo o mesmo com as hipersegmentações de maneira a se ter um número menor de variações. Importante lembrar que esses 12 tipos foram aplicados neste estudo com base no que foi identificado em estudos anteriores. Entretanto é possível que um agrupamento de alguns tipos pudesse ser mais informativo do que lidar com esta diversidade de tipos. Este agrupamento poderia facilitar a interpretação dos dados e revelar mais semelhanças ou diferenças entre os grupos de participantes.

Importante comentar que pesquisas futuras poderiam examinar as relações entre segmentação não-convencional e leitura (velocidade e fluência) em crianças e em adultos tardiamente escolarizados. Também poderiam ser feitas investigações em que fossem examinadas as ideias que adultos e crianças tem sobre o que é palavra.

Essas pesquisas poderiam ser feitas com crianças e adultos escritores iniciantes e adultos escritores em anos escolares mais adiantados, para verificar o efeito dos programas da EJA sobre a escrita, avaliando a real contribuição que este programa tem a dar para a população com escolaridade atípica.

Diante dessas ideias nos cabe aguardar que outros estudos venha esclarecer o

desenvolvimento da escrita infantil e dos adultos tardiamente escolarizados, sem esquecer a imensa colaboração que pesquisas como esta traz de contribuição no processo de ensino-aprendizagem e, porque não, para própria formação dos professores.

REFERÊNCIAS

- Abaurre, M. B. M. A relevância dos critérios prosódicos e semânticos na elaboração de hipóteses sobre segmentação na escrita inicial. *Boletim da Abralin*, v. 11, pp. 203 – 17, 1991.
- Abaurre, M. B. M. O que revelam textos espontâneos sobre a representação que faz a criança do objeto escrito? In: KATO, M. A. (org.). *A concepção da escrita pela criança*. 1ª ed. Campinas, SP: Pontes, 1988, pp. 135 – 142.
- Caliatto, S. G. & Martinelli, S. DE C. Avaliação da escrita em jovens e adultos. *R. Bras. Est. Pedag.*, Brasília, v. 89, n. 222, p. 273 – 294, maio/ago. 2008.
- Camargo, P. S. A. S. & Martinelli, S. C. Educação de adultos: percepções sobre o processo ensino-aprendizagem. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE)*. Volume 10, n. 2, Julho/Dezembro 2006. 197 – 209.
- Capristano, C. C. *Segmentação na escrita infantil*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- Castelo, A.; Freitas, M. J. & Miguens, F. Níveis de escolaridade e a capacidade de segmentação de palavras: o efeito da extensão de palavras na identificação de segmentos. In: Freitas, M. J.; Gonçalves, A. & Duarte, I. (coord.). *Avaliação da consciência linguística aspectos fonológicos e sintáticos do português*. - (Extra-coleção) / Edições Colibri, Lisboa, 2010, pp. 19 – 43.
- Correa, J. A aquisição do sistema de escrita por crianças. In: Correa, J. A. & Leitão, S. *Desenvolvimento da linguagem: escrita e textualidade*. 1. ed. - Rio de Janeiro: NAU Editora: FAPERJ, 2001, (pp. 19-72).
- Correa, J. A avaliação da consciência morfossintática na criança. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 2005, 18(1), pp. 91-97.
- Correa, J. A Avaliação da Consciência Sintática na Criança: uma Análise Metodológica. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. Jan-Abr 2004, Vol. 20 n. 1, pp. 069-075.
- Correa, J. Habilidades metalinguísticas relacionadas à sintaxe e a morfologia. In: M. Mota. *Desenvolvimento metalinguístico: Questões contemporâneas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009, (pp. 55-76).
- Correa, J. As convenções da escrita e a ocorrência de segmentações não-convencionais no texto escrito por crianças. In: R. Maluf; S. R. K. Guimarães. (Org.). *A aprendizagem da linguagem escrita: contribuições da pesquisa*. São Paulo: Vetor, 2010, v. pp. 93 – 120.
- Correa, J. & Dockrell, J. E. *Unconventional word segmentation in Brazilian children's early text production*. Read Writ. DOI 10.1007/s11145-006-9049-3. 2007.
- Cunha, A. P. N. As segmentações não-convencionais da escrita e sua relação com os constituintes prosódicos. *Cadernos de Educação*. FaE/PPGE/UFPel. Pelotas,

janeiro/abril 2010. pp. 323 – 357.

Ferreira, C. R. G. A relevância de dados sobre a aquisição da escrita para as reflexões e práticas pedagógicas. (UFPEL). In: XIX Seminário do CELLIP. Cascavel, 2009a. p. 1 – 9. http://alb.com.br/arquivomorto/edicoes_anteriores/anais17/txtcompletos/sem13/COLE_3864.pdf

Ferreira, C. R. G. As hipersegmentações como marcas de um sistema em construção na escrita inicial de alunos de EJA. (2009b). <http://www.simelp2009.uevora.pt/pdf/slg11/06.pdf>

Ferreira, C. R. G. & Miranda, A. R. As hiposegmentações na escrita inicial de adultos. In: II Seminário de Aquisição Fonológica, 2009, Santa Maria. http://www.ufpel.edu.br/cic/2009/cd/pdf/CH/CH_00708.pdf

Ferreira, C. R. G. Um estudo sobre segmentação não-convencional na aquisição da escrita de alunos de EJA. Pelotas, 2011. 163p. *Dissertação (Mestrado em Educação)* – Universidade Federal de Pelotas / Faculdade de Educação-Fae.

Ferreiro, E. Las unidades de lo oral y las unidades de lo escrito. *Archivos de Ciencias de la Educación* (4a . época) – 2007 – Ano 1 N 1.

Ferreiro, E. Pontecorvo, C. Os limites entre as palavras. A segmentação em palavras gráficas. In: E. Ferreiro; C. Pontecorvo; N. R. Moreira; I. G. Hidalgo. *Chapeuzinho Vermelho aprende a escrever*. São Paulo: Ática, 1996, pp. 38 – 66.

Freitas, M. F. Q. Educação de jovens e adultos, educação popular e processos de conscientização: intersecções na vida cotidiana. *Educar*; Curitiba, n. 29, 2007. Editora UFPR, p. 47-62.

Gombert, J. E. *Metalinguistic development*. Harvester: Wheatsheaf, 1992.

Guimarães, S.R.K. Relações entre capacidade de segmentação lexical, consciência morfosintática e desempenho em leitura e escrita. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. Jan-Mar 2011, Vol. 27 n. 1, pp. 23 – 32.

Morais, Artur Gomes de. *Sistema de Escrita Alfabética*. São Paulo: Melhoramentos, 2012. 192p.

Mota, M. E. Complexidade fonológica e reconhecimento da relação morfológica entre as palavras: um estudo exploratório. *PSIC-Revista de Psicologia*, v.8, nº2, p.131-138, Jul./Dez. 2007.

Mota, M. E.; Gontijo, R.; Lisboa, S. M.; Olive, R.; Silva, D.; Dias, J.; Delgado, N. & Kamisaki, R. Avaliação da Consciência da Morfologia Derivacional: Fidedignidade e Validade. *Avaliação Psicológica*, 2008, 7(2), pp. 151-157.

Mota, M. E.; Anibal, L. & Lima, S. A Morfologia Derivacional Contribui Para a Leitura e Escrita no Português? *Psicologia Reflexão e Crítica*, ano/vol. 21, número 002, pp. 311-318.

- Nicolaiewsky, C. A. & Correa, J. Habilidades cognitivo-linguísticas e segmentação lexical em Braille. *Paideia*. Set.-dez. 2009, Nº 44, pp. 341 – 348.
- Oliveira, M. K. Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem. *Revista Brasileira de Educação*, setembro de 1999; pp. 59 – 73.
- Paula, F. V. de.; Correa, J. & Spinillo, A. G. O conhecimento metalinguístico de crianças: o papel das aprendizagens explícitas e implícitas. São Paulo: Vetor, 2011, p. 260.
- Pellicer, A. (2004). Segmentation in the writing of Mayan language statements by indigenous children with primary schooling. In T. Nunes & P. Bryant (Eds.), *Handbook of children's literacy*. Dordrecht: Kluwer Academic; (pp. 721–739).
- Roazzi, A. & Carvalho, M. R. O desenvolvimento de habilidades de segmentação lexical e a aquisição de leitura. *Revista. Bras. Est. Pedag.* Brasília, v. 76, n. 184, pp. 477 – 548. set./dez. 1995.
- Spinillo, A.G; Correa, J. & Leitão, S. (2001). Introdução. Em: J. Correa; A.G. Spinillo & S. Leitão (Orgs.), *Desenvolvimento da linguagem: Escrita e textualidade* (pp. 9-16). Rio de Janeiro: Editora Nau.
- Teberosky, A. & Tolchinsky, L. (Org.). Além da alfabetização: a aprendizagem fonológica, ortográfica, textual e matemática. Editora Ática. São Paulo, 1995. Cap. 1,2,3 e 4.
- Teberosky, A. (1994). *Aprendendo a escrever: Perspectivas psicológicas e implicações educacionais*. São Paulo: Ática.
- Tolchinsky, L. L. Aprendizagem da linguagem escrita: Processos evolutivos e implicações didáticas. Editora Ática. São Paulo, 1998. Cap. 3, 4, 5 e 6.
- Tolchinsky, L. & Teberosky, A. Explicit word segmentation and writing in Hebrew and Spanish. In C. Pontecorvo (Eds.), *Writing development: an interdisciplinary view*. 1997. Philadelphia: Publishing Company. (pp. 77 – 97).

ANEXOS

ANEXO I: Expressões em frases e expressões isoladas ditadas na Tarefa 2 (ditado de ocorrências).

Expressões em frases:

Era uma vez (Tipo 1) uma menina que gostava de nadar.

O menino (Tipo 2) subiu na árvore.

De manhã (Tipo 3) é a melhor hora do dia.

Disse que estava bem e que (Tipo 4) telefonaria à noite.

Pensou que eles (Tipo 5) estavam perdidos.

Ficou tão assustado (Tipo 6) que perdeu a voz.

As pessoas dormiam (Tipo 7) cedo.

João estava desconfiado (Tipo 8).

Ela apagou (Tipo 9) a luz da sala.

Ele não conseguia (Tipo 10) comer.

Maria ouviu (Tipo 11) o barulho.

Cachorros daquela (Tipo 12) raça eram perigosos.

Expressões isoladas:

2. era uma vez (Tipo 1)
3. o menino (Tipo 2)
4. de manhã (Tipo 3)
5. e que (Tipo 4)
6. que eles (Tipo 5)
7. tão assustado (Tipo 6)
8. dormiam (Tipo 7)
9. desconfiado (Tipo 8)
10. apagou (Tipo 9)
11. conseguia (Tipo 10)
12. ouviu (Tipo 11)
- 13.** daquela (Tipo 12)

ANEXO II: Ocorrências investigadas neste estudo relativas às segmentações não-convencionais documentadas na literatura.

SEGMENTAÇÕES NÃO-CONVENCIONAIS	
HIPOSEGMENTAÇÃO	
DESCRIÇÃO	TIPOS DE OCORRÊNCIAS
Junção de palavras de categorias gramaticais diversas	era uma vez (Tipo 1)
Junção de palavras em que uma delas é um artigo (definido ou indefinido)	o menino (Tipo 2)
Junção de palavras em que uma delas é uma preposição	de manhã (Tipo 3)
Junção de palavras em que uma delas é uma conjunção	e que (Tipo 4)
Junção de palavras em que uma delas é um pronome	que eles (Tipo 5)
Junção de palavras adjetivas	tão assustado (Tipo 6)
HIPERSEGMENTAÇÃO	
DESCRIÇÃO	TIPOS DE OCORRÊNCIAS
Separação de segmentos com significado	dormiam (Tipo 7)
Separação de segmentos sendo um com significado e outro sem significado aparente	desconfiado (Tipo 8)
Separação de segmentos em que um deles se assemelha à função de artigo (definido ou indefinido), podendo o outro segmento ter ou não um significado	apagou (Tipo 9)
Separação de segmentos em que um deles se assemelha à função de preposição, podendo o outro segmento ter ou não um significado	conseguia (Tipo 10)
Separação de segmentos em que um deles se assemelha à função de conjunção, podendo o outro segmento ter ou não um significado	ouviu (Tipo 11)
Separação de segmentos em que um deles se assemelha à função de pronome, podendo o outro segmento ter ou não um significado	daquela (12)

ANEXO III: Texto usado na Tarefa 3 (ditado de texto) com as possíveis ocorrências de segmentações não-convencionais grifadas. Entre parênteses consta o tipo segmentação. Este texto é uma adaptação do texto “The Manatee”, história escrita por Philippa Pearce, retirada da coletânea “Lion at School and Other Stories”, publicado em 1986 pela editora Puffin Books, Inglaterra.

Era uma vez (Tipo 1) um menino chamado Tuca que foi passar o fim-de-semana na casa de seu avô. À noite, ele leu um livro sobre animais selvagens. No livro havia a gravura de duas criaturas cinzentas, muito estranhas, dentro de um rio. Elas tinham cabeças grandes, olhos pequenos e bocas enormes. Seu avô disse que eram manatis. O menino (Tipo 2) ficou tão assustado (Tipo 6) com animais daquela (Tipo 12) espécie que seu avô disse para não ler mais o livro e ir se deitar. No quarto havia duas camas. Tuca escolheu a maior. Seu avô apagou (Tipo 9) a luz da casa. Tuca, desconfiado (Tipo 8), não conseguia (Tipo 10) dormir. Então ouviu um barulho. Quando olhou para o lado, viu um manati. O manati ia comer Tuca. Com medo, ofereceu um biscoito ao animal. O manati aceitou, olhou longamente para o menino e deitou-se na cama ao lado. Tuca ouviu (Tipo 11) o manati dizer: Que cama confortável!”. De manhã (Tipo 3), acordou e viu a cama vazia. Durante o café, perguntou a seu avô sobre os manatis. Seu avô disse que eles (Tipo 5) eram vegetarianos, que viviam na água, que sempre dormiam (Tipo 7) a noite inteira, que eram mudos e que (Tipo 4) nunca entravam nas casas das pessoas. Tuca sorriu, pois seu avô sabia muito pouco sobre os manatis.

ANEXO IV: Texto produzido por uma criança com exemplos de hipo e hipersegmentação.

(14)

nomes 10/8/2013

x

maiores e menino albano de toco.
 Espirita e yoni de amara.
 x

macara de curano.
 arate ele tem e linha colrei arimar corageli.
 no livro a via a honarava dedras eia a toros cinta
 motora trabalha de to dorio.
 elstia e cabreaga des o llo iboca e no meo
 curano de se eio monatis.
 o menino ficou tao acesa de curanimois da cula espea.
 curano de paranois mas o livro i uita.
 curate a via de as camos.
 tocara lha melho.
 curano aragoa a bis de cas.
 cura de me gita no eologia de curano
 emto o via ombra melho
 oran o llo para llo via amonate e monati icometica.
 curano e curano lha cote.
 o monati allito o llo lha melho para o menino.
 i ditenaloma de llo toca o via monati de ze curano paranois
 de malhao de curano curano o fia do rate o cafe.
 no go to curano o monati curano de el alho eio vegetarianas.
 de curano de curano de meo a noite itera curano.
 icomonaltrao no curano de curano toca noite paranois.
 ar curano melho de curano e monatis.

ANEXO V: Texto produzido por um adulto com escolaridade tardia com exemplos de hipo e hipersegmentação.

0905.12012 Ditado de texto

Maria José da Silva Santos
era a maior um mel me no cha Lucas
Zunfari para Deedime. a saca de café
amante? lino malico? cegar.
liara. aiiga agauru dedus geria
curral? nuito? setra? amurio rio.
matungio cabecac? cupnoco iloga imoc
sonnaro disse fu ga mona bis
Onenimo filau tas acuto. comania
dagna mpcer finca uano dide ponle.
mgno iliri ca ba nu gato ca il galla
dua gnara. tucia esca lhu amaisa
su na ao ap gualuz da za sa. tula.
duco fiado nao do rius matru dano
gua rodo alhou. iprom udolada
quina mti Ona mti caturo. Camdo
de pl resser amdiato amimlo.
Ona mti acciatu alhou longuto
pa u manlo lito na gnau da?
stula ganca fitra na de nabo inimom
ai ama di mp resser peuto aca ava ava
Comdo mti alano fica re gta lamo?
gela na da? gela pa amie mta gnudo.
ismcha alhou mta na ca sa do po ca.
tuca corio na ao codio not aidaduo?

ANEXO VI: Ditado de expressões isoladas e expressões em frases produzido por uma criança com exemplos de hipo e hipersegmentação.

nome: St. data: 14/09/2012 (15)

- 1 - O menino.
- 2 - dançava.
- 3 - era uma mãe e menina que gostava de macho
- 4 - Pensou que eles estava pedindo
- 5 - deis espiado.
- 6 - de manhã e amela era da dia.
- 7 - apagou.
- 8 - brilo.
- 9 - Fêzendo a vontade que pedem a mãe:
- 10 - da quebra na perigoso
- 11 - qui deis
- 12 - 5 lira que ta na em que telefonaria a maite
- 13 - Era um tom
- 14 - O menino saiu na arbitrio
- 15 - avis para dança pede
- 16 - de manhã
- 17 - tanu avistado
- 18 - joje deis tafa deis espiado
- 19 - e que
- 20 - Ela apagou a luz da lata
- 21 - espiado
- 22 - da quebra
- 23 - de mae espiado contil
- 24 - maria avis na Paralle

ANEXO VII: Ditado de expressões isoladas e expressões em frases produzido por um adulto com exemplos de hipo e hipersegmentação.

08

22 11 2018

D S T Q R S S

memória

Ditado

- 1+ O menino
- 2+ Dorminhão
- 3+ Era uma vez uma menina que gostava de nada
- 4+ Pensou que eles estavam perdido
- 5+ Desconfiado
- 6+ Dorminha é amarelo a hora do dia
- 7+ Apagou
- 8+ curru
- 9+ ficou tão assustado que perdeu a noção
- 10 cachorros da escola estavam perigosos
- 11+ que os
- 12+ maria curru o Barulho
- 13+ era uma vez
- 14 O menino subiu na árvore
- 15 Os pequenos dorminhão veio
- 16 dorminha
- 17 tão assustado
- 18 não estava desconfiado
- 19 e que
- 20 Ela apagou a luz da sala
- 21 conseguiu
- 22 daquela
- 23 ele não conseguia comer
- 24 disse que estava Bem e que telefonaria a noite